

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

JANICE ZANCO

**Dona Generosa e as crianças disparam...
outros modos de ver a Lagoa do Peri**

Ilha de Santa Catarina, 2010.

Janice Zanco

**Dona Generosa e as crianças disparam...
outros modos de ver a Lagoa do Peri**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Educação.

Orientador: **Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães**

Ilha de Santa Catarina, 2010.

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

Z27d Zanco, Janice

Dona Generosa e as crianças disparam... outros modos de ver a Lagoa do Peri [dissertação] / Janice Zanco ; orientador, Leandro Belinaso Guimarães. - Florianópolis, SC, 2010.

117 p: il., mapas, +; DVD

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Inclui referências

1. Educação. 2. Experiência. 3. Histórias imaginárias. 4. Educação ambiental. I. Guimarães, Leandro Belinaso. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

"DONA GENEROSA E AS CRIANÇAS DISPARAM... OUTROS MODOS DE VER A LAGOA DE PERI"

Dissertação submetida ao Colegiado do Curso de Mestrado em Educação do Centro de Ciências da Educação em cumprimento parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação

APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 19/08/2010

Dr. Leandro Belinaso Guimarães (CED/UFSC-Orientador)

Dr. Valdo Hermes de Lima Barcelos (UFSM-Examinador)

Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota (UNISO/SP-Examinador)

Dra. Ariane Kuhn (PSI/UFSC-Examinadora)

Dra. Gilka Elvira Ponzi Girardello (CED/UFSC-Suplente)

Profa. Célia Regina Vendramini
Coordenadora do Programa de
Pós-Graduação em Educação/CED/UFSC
Pararia nº 988/GR/2010

JANICE ZANCO

FLORIANÓPOLIS/SANTA CATARINA/AGOSTO/2010

Dona Generosa e as crianças disparam....



outros modos de ver a Lagoa do Peri



Não entendo. Isso é tão vasto que ultrapassa qualquer entender. Entender é sempre limitado. Mas não entender pode não ter fronteiras. Sinto que sou muito mais completa quando não entendo. Não entender, do modo como falo, é um dom. Não entender, mas não como um simples de espírito. O bom é ser inteligente e não entender. É uma benção estranha, como ter loucura sem ser doida. É um desinteresse manso, é uma doçura de burrice. Só que de vez em quando vem a inquietação: quero entender um pouco. Não demais: mas pelo menos entender que não entendo (Lispector, 1964).

Às queridas crianças que pesquisaram para dona Generosa.
Aos meus amores Luana, Pedro e Guto.

Gratidão

Preciso agradecer tanto e a tantas pessoas que me ajudaram e acreditaram em mim.

À mãe Realda e ao pai Valdemar, pelo amor, pelo apoio, compreensão e paciência. Aos meus queridos irmãos, Jasper, Jaksson e a minha irmã Simone, pelos aprendizados da vida.

Ao companheiro Guto, pelos oito anos de amor, respeito, tolerância. Por tudo de lindo que construímos até aqui.

À Luana e ao Pedro. É com vocês que experimento todos os dias o amor incondicional. É com vocês que minha vida ficou mais intensa e se encheu de alegria.

À amizade que me dedicam os amigos e as amigas, de infância, de faculdade, de vida. Angi, Deza, Gissu, Milena, Ana, Cris, Dudu, Panamá.

Aos maravilhosos encontros do Grupo Tecendo.

À direção, à coordenação e aos docentes da Escola Municipal Prof. Dilma Lucia dos Santos, pela confiança e acolhida; em especial à professora Maria Aparecida, Maria Alice e Alexandra.

Aos pais e mães dos alunos e alunas, que nos apoiaram.

Ao meu amigo e orientador Leandro Belinaso Guimarães, pela confiança, liberdade e autonomia; pela (enorme) dedicação, pela amizade, força, delicadeza e pelos cafés. Tenho orgulho de ter sido sua orientanda.

Aos que avaliaram a proposta da qual esta dissertação é decorrente, pelas valiosas colaborações, pelo carinho, incentivo: Gilka Girardello, Valdo Barcelos e Marcos Reigota.

À banca extra-oficial: meus pais, Guto e Deza.

À amiga Vera Lícia Vaz de Arruda, pelo carinho e apoio na elaboração das atividades.

A Paula Barcelos pela ajuda (fundamental) nas etapas da pesquisa.

A Maria Inez Ronan D'Elia pelo *Abstract*.

Ao Maurício Muniz pelo desenho da capa, pela amizade e apoio.

À equipe de campo, pelo apoio, confiança, dedicação. Vocês foram simplesmente geniais: Renata, Maurício, Juliane, Vera Lícia, Sara, Angélica.

À Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis, por ter aceitado que a pesquisa fosse realizada em uma de suas unidades.

À FLORAM por ter aprovado parte da pesquisa no Parque Municipal da Lagoa do Peri.

Aos funcionários desse Parque Municipal, em especial ao Mauro.

À secretaria do PPGE, em especial à Bethânia, que me acolheu com seu carinho, todas as vezes em que entrei na sua sala.

A esta Universidade, por ser pública e de qualidade, por ter propiciado minha formação acadêmica até então.

À CAPES, que me concedeu bolsa no último semestre.

**Aos bravos pesquisadores e pesquisadoras da turma 41 que toparam
brincar um pouco comigo!**

Resumo

Uma pesquisa que encontra crianças. Crianças entre 9 e 13 anos de idade, de uma escola municipal do sul da Ilha de Santa Catarina, Brasil. Crianças que são convidadas a brincar de faz-de-conta. Atenção! Correio! E lá vamos para a trilha no Parque Municipal da Lagoa do Peri. Descobrir. Pesquisar. Experimentar. Percorrer um caminho já instituído e explorá-lo de outras formas. Existem máquinas fotográficas e filmadoras circulando pelos espaços. A misteriosa dona Generosa não foi descoberta. Quem sabe, um dia? Por enquanto, ficam pontos de interrogação em cada cabecinha. Ficam fotos, vídeos, falas, desenhos e escritas sobre o que os pesquisadores e pesquisadoras perceberam, sentiram, viram, duvidaram sobre os seres fantásticos da Lagoa do Peri. Uma pesquisa que se (des)constrói do início ao fim. Se é que teve (tem) fim.

Palavras-chave: experiência, faz-de-conta, educação ambiental.

Abstract

A research that find children. Children aged 9-13 years from a municipal school in Florianópolis, Santa Catarina in the south of Brazil. Children invited to play at make-believe. Attention! Post-haste! And off we go to the trail in the municipal park of “Lagoa do Peri”. To discover, investigate, experiment. To walk along a beaten track and explore it in other ways. There are cameras and camcorders all around. The mysterious Madam Generous was not found. Who knows, maybe one day? For now, question-marks linger in every child’s mind – photos, videos, words, drawings and accounts of what these researchers spotted, felt, saw, doubted about the fantastic beings of the “Lagoa do Peri”. Research which (de)constructs from start to finish. If it ever had (have) a finish.

Keywords: experience, make-believe, environmental education.

Sumário

1. Capítulo I - Por onde meus sapatos andaram.....	10
1.1 Algumas pegadas.....	10
1.2 O caminho de (re)criar o projeto de pesquisa.....	13
1.3 Tateando uma educação ambiental como dispositivo.....	22
2. Capítulo II – A Lagoa do Peri.....	26
2.1 A Lagoa do Peri.....	26
2.2 A criação do Parque.....	29
3. Capítulo III – Os bastidores da trilha.....	40
3.1 O conto que não foi contado.....	40
3.2 As crianças, os encontros.....	43
3.3 As necessárias trilhas burocráticas.....	44
3.4 Nossas trilhas, nossos encontros – A mensagem.....	45
3.5 Nossas trilhas, nossos encontros – A maleta.....	47
3.6 Nossa trilha em movimento – a vídeo-gravação.....	53
3.7 Definindo a trilha.....	55
3.8 Nossas trilhas, nossos encontros – A Trilha do Saquinho.....	56
3.9 Nossas trilhas, nossos encontros – Alunos desinibidos contam histórias.....	65
3.10 Nossas trilhas, nossos encontros – A forma devolutiva.....	67
4. Capítulo IV – As crianças também pesquisam e os adultos também brincam.....	70
4.1 Uma pausa para o silêncio.....	70
4.2 Brincando de imaginar.....	74
4.3 Que lugar é esse?.....	77
4.4 Click. Pausa. Click. Click. Click.....	83
5. Capítulo V - Saindo de cena.....	88
5.1 O que fica da pesquisa.....	88
5.2 As dores e as delícias da pesquisa.....	94
6. Referências bibliográficas.....	96
7. Anexos.....	102
7.1 Anexo I – Apresentação minha e da pesquisa (para a escola).....	102
7.2 Anexo II – Carta do orientador para a escola.....	104
7.3 Anexo III – Resumo da pesquisa para Secretaria Municipal de Educação.....	106
7.5 Anexo V – Declaração da escola.....	110
7.6 Anexo VI – Pedido para uso da área à FLORAM.....	112
7.7 Anexo VII - Autorização FLORAM.....	114
7.8 Anexo VIII - Carta para pais.....	116

1. Capítulo I - Por onde meus sapatos andaram¹

1.1 Algumas pegadas

O que você vai ser quando crescer?

Por que os adultos gostam tanto de saber por onde andarão nossos sapatos? Eu pensava seriamente em encher meus sapatos com pó de giz e ser professora. Pensava também em deixá-los voar mundo afora e ser aeromoça. Fui crescendo e percebendo que, sendo professora iria sujar todos os dias os meus sapatos e que, deixando-os voar, poderia perdê-los. Por um tempo creio que parei de pensar por onde queria andar. Fui experimentando o que gostava: viajar, trilhar, mergulhar. E foi então que os caminhos me levaram para a Biologia.

Meus sapatos estudaram. O período da graduação foi de intenso aprendizado. Fiz muitas amizades. Passava madrugadas com os amigos e amigas, estudando ecologia e botânica. Tranquei a faculdade para realizar estágios voluntários, com osteologia e comportamento de mamíferos aquáticos², pelo Nordeste brasileiro. Atuei em duas unidades do Projeto Peixe-boi e na Universidade Federal da Bahia. Apesar de nunca ter cogitado, trabalhei também com pessoas. Foi um desvio não previsto no meu caminho. Nem cursava licenciatura, pois a ideia de ser professora não me atraía. Encontrei em uma comunidade ribeirinha³ o prazer e a beleza de pensar as pessoas e os lugares onde elas vivem. Foi isso que mexeu comigo. Eu gostei. E comecei a pensar o mundo da biologia com as pessoas.

Por iniciativa (e necessidade) de alunos do curso de Biologia e com apoio de alguns professores, constituiu-se em 2001 um grupo de estudos para pesquisar e estudar educação, ambiente e cultura – Grupo Tecendo Educação Ambiental e Estudos Culturais⁴. Desde o início, os encontros desse grupo

¹ A inspiração para o título deste capítulo veio da história *A árvore de sapatos*, contada pela professora Gilka Girardello, durante uma disciplina sobre imaginação, no curso de mestrado na UFSC. Ela me fez pensar sobre isso e fiquei com vontade de registrar por onde meus sapatos andaram.

² Atuei no Lamaç – Laboratório de Mamíferos Aquáticos da UFSC, durante 2 anos.

³ Uma das bases do Projeto Peixe-Boi situa-se na Barra de Mamanguape, na Paraíba, e foi nesse lugar que realizei meus primeiros contatos com comunidade.

⁴ Para saber mais, acessar www.grupotecendo.com.br

foram permeados por leituras e discussões teóricas, contribuições aos projetos de pesquisa, atividades práticas em diversas instituições. É nele que me fortaleço, que me transformo principalmente como pesquisadora. O Tecendo permite pensar outras formas de fazer a educação ambiental.

Depois da formatura em Ciências Biológicas pela UFSC, minha vida profissional deu uma guinada inesperada, pois de certa forma sempre atuei em organizações não governamentais e projetos ambientais, com o objetivo de proteger e conservar o meio ambiente⁵. Somente depois de ter atuado “nos dois lados” entendi um pouco sobre as disputas de cada uma dessas esferas e o que está em jogo (pensando na educação ambiental) nelas.

Meus sapatos trabalharam. Na primeira atividade oficial fui contratada por uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) como técnica para que, dentro da Secretaria de Estado do Meio Ambiente, reatvasse e fizesse funcionar a Comissão Interinstitucional de Educação Ambiental do Estado de Santa Catarina. Tive a oportunidade de conhecer pessoas de instituições públicas e privadas que vêm desenvolvendo atividades nessa área. Durante minha permanência, conseguimos aprovar o regimento interno da Comissão e iniciar as primeiras conversas sobre a Política Estadual de Educação Ambiental de Santa Catarina.

O segundo, e o mais importante trabalho até então, foi assumir a coordenação do Centro de Divulgação Ambiental – CDA, da Usina Hidrelétrica Itá⁶, em Itá, Santa Catarina. Esse Centro foi criado como condicionante ambiental⁷ e, para tanto, precisa atender aos 11 municípios atingidos pela construção da Usina. Por quase 4 anos tive a oportunidade e o desafio de estar em contato com diferentes escolas, de lidar com interesses e modos de trabalho de uma empresa privada e de gerenciar pessoas das mais variadas áreas do conhecimento.

Meus sapatos estavam afastados. Antes de completar 3 anos na empresa, eu estava tomada por uma sensação de “está faltando algo em minha vida”. Sentia necessidade de voltar a investir um pouco do meu tempo

⁵ Ao contrário da preservação ambiental, em que o que está sendo preservado é “intocado”, a conservação ambiental visa proteger a natureza, permitindo seu uso de maneira sustentável.

⁶ Para saber mais, acessar www.cda.org.br

⁷ Nesse caso, foi uma exigência do órgão ambiental (IBAMA), para concessão da licença de instalação da Usina.

para refletir, ler e discutir, principalmente a respeito de educação ambiental. Decidi então arriscar e tentar uma vaga no mestrado em educação da UFSC. Foram quatro meses de expectativas e meus sapatos foram aprovados! Estava de volta à vida acadêmica.

O projeto apresentado durante o processo seletivo tinha como objetivo perceber como professores e professoras se narram enquanto educadores ambientais, pois entendo que as narrativas que fazemos de nós mesmos instituem modos de ser e de estar no mundo, tal como aprendi, lendo trabalhos como os de Marcos Reigota (1999; 2002; 2008), Leandro Belinaso Guimarães (2003; 2006; 2009; 2010), Maria do Carmo Galiuzzi (2008) e Jorge Larrosa (1996; 2001; 2002), entre outros. Utilizaria então as narrativas escritas de todos os professores e professoras participantes, antes e depois de um curso de formação de educadores ambientais. O curso foi oferecido pela empresa na qual eu trabalhava na época (2008), o CDA.

Passados alguns meses depois da seleção do mestrado, fui percebendo certa dificuldade em relação a essa pesquisa. Considerando ainda minha mudança de cidade, o que me distanciou, agora geograficamente, do local da pesquisa, foi preciso repensar o projeto e, por que não, buscar outros rumos.

Meus sapatos escolheram. Quando eu já estava cursando as disciplinas do mestrado, vinha conversando periodicamente com meu orientador; sempre busquei demonstrar-lhe minha preocupação de não me estar identificando com o projeto. Não estava envolvida emocionalmente. Tudo isso, me fez pensar em retomar meu TCC - Trabalho de Conclusão de Curso⁸, realizado em 2002, no curso de Ciências Biológicas. Com esse trabalho, sim, me envolvi: a ele me dediquei e nele, acreditei, do início ao fim. Repensar e retrabalhar esse projeto me deixou extremamente feliz. Essa retomada lançou meu TCC em outras direções, pois eu não sou mais a mesma; o Parque da Lagoa do Peri⁹ não é mais o mesmo e o público de minha investigação mudou também. Isso porque aprendi, lendo autores tais como Stuart Hall (2003) e Néstor García Canclini (2004), que nossas identidades não são fixas, essenciais e dadas desde sempre. Vamos nos tornando outros, pelos deslocamentos espaciais que

⁸ Passo a escrever TCC, quando me referir ao Trabalho de Conclusão de Curso.

⁹ Tanto meu TCC quanto a pesquisa de mestrado foram desenvolvidos no Parque Municipal da Lagoa do Peri.

fazemos, pelos encontros diferentes que estabelecemos; enfim, seria muito difícil defender - pela perspectiva teórica que estou assumindo nesta dissertação, que diz respeito aos estudos culturais e seus cruzamentos com uma educação ambiental de inspiração pós-moderna - que permanecemos os mesmos depois de alguns anos. Mesmo o Parque, que considero múltiplo, em transformação constante, corresponde à noção de lugar da pesquisadora Doreen Massey (2008). Para ela, *lugar* é uma multiplicidade de trajetórias, construídas a partir de uma trama de relações, entendimentos e experiências sociais. No caso do Parque, essas relações se dão, por exemplo, entre seus moradores e gestores, pesquisadores e moradores, turistas e gestores.

Finalizei o ano de 2008 com a decisão e a tarefa de iniciar a escrita do projeto. Paralelamente a isso, me desliguei da empresa e retornei a Florianópolis, com o objetivo de me dedicar ao mestrado.

1.2 O caminho de (re)criar o projeto de pesquisa

Meu TCC foi sobre o Parque Municipal da Lagoa do Peri, uma área de preservação localizada ao sul da Ilha de Santa Catarina, e teve como objetivo mostrar alguns silêncios relativos à educação ambiental. Nós, biólogos/as e educadores/as, muitas vezes nos lembramos de proteger e conservar o meio ambiente e nos 'esquecemos' dos homens, das mulheres, ou melhor, de nós, que também compomos uma história de relação com o ambiente. Fui até a Lagoa do Peri para ouvir e registrar os causos, os mitos, as histórias e as memórias de alguns antigos moradores. Esses sujeitos, moradores/as mais antigos do entorno do Parque foram escolhidos porque não são reconhecidos, tampouco considerados como importantes na sociedade e seus saberes são dados como desautorizados.

Quando me refiro a alguns "silêncios" produzidos pela educação ambiental estou falando da *"quase ausência da preocupação com os seres humanos na maioria das trilhas interpretativas desenvolvidas nessa área"* (ZANCO, 2002, p. 16). Em artigo publicado sobre trilhas interpretativas de educação ambiental, os pesquisadores Shaula Sampaio e Leandro Belinaso Guimarães (2009, p. 363-364) abordam o assunto:

“[...] podemos considerar que, nas áreas de preservação ambiental, as histórias contadas nas trilhas não incluem as experiências vividas pelos seres humanos nesses espaços, enfatizando apenas os aspectos biológicos, ecológicos, geográficos [...] Demarca-se, com isso, a (antiga) separação entre natureza e cultura, esquecendo-se que a própria definição de uma área destinada especificamente à preservação dos recursos naturais é uma produção humana, uma produção cultural”

As trilhas interpretativas de educação ambiental realizadas em Unidades de Conservação¹⁰ (UC's), como a do Parque, em sua maioria são feitas com a presença de um guia/monitor ou ela é *autoguiada*, ou seja, não necessita de acompanhamento, embora seja marcada pelos pontos de parada (indicados por placas). Sem querer menosprezar a atividade do guia/monitor, podemos, por um instante, parar para imaginar uma cena bastante comum nessas áreas; por exemplo, um guia ou monitor devidamente caracterizado conduz um grupo de pessoas pelas trilhas do lugar. É ele quem determina o ritmo da caminhada, os pontos de parada, os temas abordados, os lugares para serem olhados sem permitir que cada indivíduo ali presente seja capaz de vivenciar o momento do seu jeito. Ele pratica automaticamente e friamente uma educação ambiental naturalista, ecologista, informativa, conscientizadora, pautada na beleza, na proteção. É comum ouvirmos algumas frases que viraram “chavões”: *O homem precisa estar integrado à natureza*. E será que ele não está integrado? Talvez seja simplificador demais dizer que o ser humano está integrado ou desintegrado à natureza. Penso que o ser humano está, sim, em constante relação com ela, e são diversas essas relações¹¹. *O ser humano faz parte da natureza. O ser humano precisa viver em harmonia com a natureza*. Será isso possível? Talvez não, possivelmente não. Sem pessimismos. Acredito, sim, que nossas relações possam não provocar extermínios e sim permitir que mais formas de vida sigam se expressando no mundo. Mas para essa relação

¹⁰ A Lei n.º 9.985, de 18 de julho de 2000 institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC, que define unidade de conservação (UC) como o espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias de proteção. Para saber mais, acessar www.mma.gov.br

¹¹ Anotações que fiz durante o encontro do Tecendo, realizado em 8 de março de 2010.

tornar-se perfeita (para quem?) e harmônica, existe uma distância enorme (ou será um abismo?). Guimarães (2010, p. 4) afirma “[...] *há sempre, em torno do ambiente, um campo de luta; há sempre, quem sabe, um tênue e silencioso extermínio daqueles que ousam não saber falar as línguas autorizadas do lugar*”. Nesse sentido, Preve (2010, p. 65) argumenta:

“a educação ambiental que se espalha sobre a nossa sociedade e que visa distribuir informações nos apresenta de forma indireta as palavras de ordem do momento através dos slogans ecologicamente corretos, nas práticas diárias de reciclagem, na cidadania consciente, no consumo ecologicamente correto, nos impedindo de pensar o que acontece enquanto repetimos tais slogans”.

O pesquisador Marcos Reigota (2002, p. 81) afirma que a informação, a conscientização e o conhecimento científico não são suficientes para levar os sujeitos a refletirem sobre seus modos de vida, sobre suas relações com os outros seres (humanos e não-humanos). Nessa educação ambiental, é comum pesquisadores e profissionais utilizarem frases do tipo: “Proteja a natureza”, “Cuide do meio ambiente”, “Salve o mico-leão-dourado”. Ana Godoy (2008, p. 129) afirma que a ecologia nos aponta a vida limitada e a “*vida reduzida ao organismo, por meio das palavras de ordem “salvemos o meio ambiente”, “digamos não à extinção”, “respeitemos a biosfera”, “conservemos a biodiversidade”*”. Penso que essas expressões, que buscam uma “conscientização”, postas dessa forma são tão distantes do mundo das crianças, que para estas não fazem sentido concreto, são abstratas. Nessa linha de pensamento encontramos trabalhos pouco diversificados, pouco ou nada originais como, por exemplo, implantação de horta, separação de resíduos, plantio de árvores, como se o papel da educação ambiental fosse somente mostrar para nós, humanos, o mal que causamos “à natureza” e ensinar-nos a amenizar, a compensar esse impacto. Fico pensando: de que forma essas atividades atingem uma criança? Quais efeitos elas provocam? Como ela recorda depois essas informações que lhe foram repassadas?

Pensando no contexto escolar, o pesquisador Valdo Barcelos (2008, p. 46) defende que a quase ou total ausência da educação ambiental na sala de aula se deve a quatro fatores, denominados metaforicamente pelo próprio autor de “mentiras” que parecem “verdades”: “*Educação ambiental é coisa para os*

professores(as) de ciências, de biologia ou de geografia; [...] é coisa prática para ser feita fora da sala de aula; [...] pode substituir as diferentes disciplinas e [...] é “conscientização” das pessoas”.

Marcos Reigota (2002) comenta que muitas das ações atuais de educação ambiental estão presas aos princípios da proposta pedagógica de educação ambiental apresentados no documento conhecido como Carta de Belgrado¹², e nos questiona se esses princípios ainda são válidos, considerando-se todas as mudanças que ocorreram no mundo, desde então. Nas suas palavras (idem, p. 140):

“A educação em geral e a educação ambiental em particular, nesses tempos pós-modernos, não têm a pretensão de dar respostas prontas, acabadas, definitivas, mas sim instigar questionamento sobre as nossas relações com a alteridade, com a natureza, com a sociedade em que vivemos, com o nosso presente e com o nosso eventual porvir”.

Valdo Barcelos (2008, p. 112) sugere que cada educador/a, ao invés de copiar e/ou reproduzir uma metodologia, seja capaz de confeccionar sua própria prática pedagógica, valorizando suas experiências, subjetividades, trajetórias:

“O que estou propondo é um desafio, no sentido de que ao mesmo tempo em que precisamos estar atentos a tudo o que está acontecendo, do ponto de vista das metodologias em educação ambiental, não caíamos na armadilha, tão freqüente em nossos espaços acadêmicos e intelectuais, de imitar, de copiar”.

Pensando na importância da inventividade na educação ambiental, Guimarães (2010a, p. 81) nos lembra:

“Praticar educação ambiental não deixa de ser contar algumas histórias [...], sobre um mundo, uma cidade, um lugar, um ambiente. Contudo, não deixa de ser, também, criar mundos, disparar a imaginação de realidades outras, se deixar adentrar as inventividades tecidas a partir do nosso trabalho educativo (grifo do autor).

¹² Carta elaborada ao final do encontro realizado em Belgrado, Iugoslávia, em 1975, promovido pela UNESCO. Conhecido como Encontro de Belgrado, esse documento continua sendo um marco conceitual sobre as questões ambientais.

Pelos autores que estudei, como Marcos Reigota (1999; 2002; 2008), Leandro Belinaso Guimarães (2003; 2006; 2009; 2010) e Valdo Barcelos (2006, 2008), passei a refletir que um papel importante da educação ambiental é levar os sujeitos a pensarem sobre os modos como enxergam e vivenciam os lugares onde vivem. Assim, imaginei que, por meio da educação ambiental eu pudesse levar crianças a pensarem sobre os diferentes modos com que podemos enxergar, experimentar e constituir um Parque como o da Lagoa do Peri.

Nesse sentido, amparada principalmente por esses autores - que considero inspirados em teorizações que alguns denominam como Pós-Modernas, por desejarem se distanciar de alguns pressupostos da Modernidade (como as grandes narrativas sobre o mundo e o caráter universal das categorias analíticas) -, penso em outras possibilidades de fazer educação ambiental. Tal como esses autores, eu estava em busca das narrativas singulares aos locais em que elas se configuram, sem querer encontrar uma narrativa que possa ser tomada como universal e, portanto, passível de ser ensinada a todos.

Passados 8 anos de meu TCC, pretendia com essa pesquisa de mestrado continuar a fuga desse tipo de educação ambiental moderna e de seus clichês instaurados, mesmo considerando interessante a pluralidade de ações e modos de atuação na educação ambiental. Busquei, porém, desestabilizar as “verdades” instituídas (inclusive em mim mesma).

Para isso pensei em retomar os depoimentos orais dos sujeitos mais antigos do Parque, que eu já havia coligido (e que se encontravam transcritos e narrados por mim no caderno de campo do meu TCC). Tais depoimentos versavam principalmente sobre bruxas, lobisomens, engenhos de farinha de mandioca, alimentação e benzeduras¹³. Tinha curiosidade em saber se as crianças de hoje, e moradoras do entorno da Lagoa do Peri, saberiam narrar outras histórias sobre os seres fantásticos do lugar. Sonia Weidner Maluf

¹³ As bruxas e os lobisomens são *seres fantásticos* que habitam a Ilha de Santa Catarina, também conhecida como Ilha da Magia. Os depoimentos sobre os engenhos abordavam os locais dos engenhos de mandioca, uma engenhoca açoriana que contribuiu para a economia da região. Sobre alimentação, os moradores explicavam o que era comprado, o que era plantado, os tipos de alimentos, destacando a qualidade em relação aos dias atuais. Os depoimentos sobre as benzeduras destacavam o conhecimento das benzedeadas e as formas e ervas que utilizavam para curar todo e qualquer problema de saúde.

(1992, p. 108-109), que desenvolve pesquisas sobre o tema, na Ilha de Santa Catarina, afirma: “[...] *um olhar sobre as representações de bruxaria na Ilha de Santa Catarina coloca algumas centelhas na lacuna existente nos estudos sobre a bruxaria no discurso oficial e nas representações populares*”.

Mas como oferecer essas histórias às crianças, por meio das práticas pedagógicas que eu inventaria? Essa era minha dificuldade inicial. Uma saída em que pensei foi transformar minhas narrativas em contos, a partir dos depoimentos orais e voltados, agora, para a leitura de crianças (que manteriam o cerne dos depoimentos sobre o Parque contados pelos moradores). Isso eu queria fazer antes mesmo de pensar que práticas inventar para que as crianças, a partir das leituras dessas histórias, pudessem construir outras sobre a Lagoa. Ao entrar em contato com meu caderno de campo senti dificuldade em tecer mais de um conto. E que histórias seriam essas, que modos de ver e narrar o Parque surgiriam, a partir da educação ambiental que eu promoveria com elas? Essa começou a se vislumbrar como a pergunta central da minha pesquisa.

Encontrei na Escola Básica Municipal Profª Dilma Lúcia dos Santos, localizada a 3 km do Parque, apoio e uma turma de 26 alunos da quarta série (entre 9 e 13 anos de idade) disponível para participar desse trabalho. Eu teria, assim, uma pesquisa com pessoas mais velhas (contida no TCC) e outra, com crianças (no mestrado).

O que me fez mudar? Encontro algumas semelhanças entre esses sujeitos: são dois extremos da vida; para mim, são os que possuem maior apego ao presente e, em nossa sociedade, têm um poder menor (de voz, de ação), mas não são destituídos dele. Confesso minha simpatia por pessoas de idade mais avançada. Simplesmente gosto de estar com elas, sem querer mudar comportamentos e formas de pensar (ações comuns nas práticas de educação ambiental), apenas estar junto para aprender, para ouvir, para dar-lhes voz. As crianças. Esse é outro público que me fascina. Nem mais difícil, nem mais fácil e sim, desafiador. Gosto de prestar atenção nos seus modos de ver o mundo. Como destacam Gilka Girardello e Monica Fantin (2008, p. 8):

"A vida das crianças de hoje, em toda sua singularidade cultural, parece às vezes um matagal cheio de novos desafios, que não

se pode atravessar seguindo apenas as antigas estradas. Não há mapas nem placas que garantam as direções, já que os mapas existentes se referem a um tempo muito diferente, quando não havia internet nem celulares, nem a pulverização das formas culturais que povoam o cotidiano das crianças de hoje".

Pensar em realizar a pesquisa com as crianças é considerá-las e valorizá-las como sujeitos atuantes inseridos na sociedade, com suas especificidades e seus saberes. Observei seus modos de agir e pensar, escutei suas vozes, busquei olhar com diversos olhares. Nas palavras de Aurélia Honorato *et al* (2006, p. 2 e 12):

"Pesquisar com crianças é uma forma significativa de produção de conhecimento acerca da infância e seus diversos modos de ser e agir em diferentes tempos-espacos.[...] uma pesquisa que propõe a criação de espaços de narrativa entre crianças com a participação do adulto-pesquisador, precisa partir do pressuposto de que a criança é sujeito em interação com o meio, sujeito que se apropria da realidade em que está imerso, mas também contribui – com seu olhar e sua forma – para o entendimento desta realidade".

A pesquisa pensa no presente dessas crianças, por onde elas passam, e autoriza essas vozes que, muitas vezes, não são escutadas. Não podemos dizer, por exemplo, que em nossa sociedade a importância que se dá a um adulto e a uma criança é a mesma.

Valdo Barcelos (2006, p. 71) reflete sobre nossa dificuldade para entender as crianças:

[...] "será que essa dificuldade não está relacionada ao fato de não concedermos, com sinceridade, a palavra às crianças? Não será por termos muita dificuldade em nos entregar a elas e nos despir da prepotência de adultos que não admitem a possibilidade e a necessidade de pedir-lhes ajuda? [...] quem decidiu que não precisamos ouvi-las? Que não podemos aprender com elas?"

Eu queria entrar em contato com as novas formas de ver e narrar a Lagoa do Peri, sob o ponto de vista das crianças da região. Para isso pensei em elaborar práticas pedagógicas. Precisava provocar uma experiência única, algo que "mexesse" com as crianças, com a professora, com a escola, comigo.

Como argumenta Jorge Larrosa (2002, p. 24), a experiência é o que nos passa, que nos acontece, que nos toca, não o que passa, o que acontece:

“A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção [...]; requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a ação e a delicadeza [...]”.

Por mais fictícias que as narrativas das crianças possam parecer, será possível conhecer um pouco seus pensamentos, versões, conceitos, leituras de mundo, olhares, relações, significações diversas e formas como elas experienciam o mundo. O pesquisador Marcos Reigota (1999, p. 84) utiliza o termo *narrativas ficcionais* no campo da educação ambiental. Afirma ainda que as narrativas são uma forma criativa de organizar e comunicar situações vividas e imaginadas:

“Em linhas gerais a narrativa tem sempre um componente verdadeiro, histórico, coletivo ou particular. A partir do momento que ela passa a ser relatada, a ficção vai se tornando presente. Por mais próxima que seja da verdade dos fatos, cada pessoa conta a história da sua maneira, enfatizando ou eliminando elementos, deixando implícitas ou explícitas as suas representações sobre o fato concreto, suas conseqüências e desdobramentos”.

Não é possível, porém, querer estudar narrativas enquanto vias de “acesso” ao repertório imaginário, e sim observá-las como ação imaginativa em si (GIRARDELLO, 2003, p. 16).

Barbara Hardy (1968, p. 5 *apud* Egan, 2007, p. 23) afirma: “*sonhamos por meio de narrativas, devaneamos por meio de narrativas, lembramos, antevemos, desesperamos, cremos, duvidamos, planejamos, revisamos, criticamos, construímos, fofocamos, aprendemos, odiamos e vivemos por meio de narrativas*”.

Eu me perguntei: o que e como fazer para provocar novos olhares, novas narrativas na minha forma de pensar a educação ambiental. Dos trabalhos com educação ambiental que conheço e que experienciei nenhum me capturou. Com todas as minhas limitações, senti que tinha uma oportunidade única para

fazer a pesquisa do meu jeito. Toda a minha trajetória foi fundamental e única para isso, pois me proporcionou uma forma própria de olhar e de pensar a educação ambiental.

Dialogando com Barthes (2004, p. 99), no texto *Jovens Pesquisadores*, encontro que precisamos *assumir o desejo* em nossas pesquisas. “[...] *Que se tenha necessidade dele; não de sua competência ou de sua função futuras, mas de sua paixão presente*”. Para dar conta desse meu desejo foi preciso dialogar com a imaginação, com a antropologia, com as artes cênicas, com a comunicação e com a educação ambiental. Dialoguei. Pensei. E radicalizei em relação ao que vinha fazendo em educação ambiental. Arrisquei mesmo. Escolhi trilhar, experimentar e me expor em um caminho nada seguro, nada confortável.

Encontrei na brincadeira do faz-de-conta uma maneira de conseguir o que queria, ou seja, provocar novas narrativas e uma experiência imaginativa. Considero aqui a brincadeira como um momento de interação e aprendizagem entre os pares, situada como aprendizado cultural, visto que a criança se desenvolve pela experiência social e pelas interações que estabelece com outras pessoas, desde seu nascimento (MUNARIM, 2007, p. 52). “*Na brincadeira, solitária ou não, com o uso de brinquedos/objetos ou de convenções, cria-se uma situação imaginária, marcada pela regra, pelo faz de conta*” (idem, p. 53). A pesquisadora Gilka Girardello (2008, p. 138) afirma que o faz-de-conta é uma forma de narrativa presente no cotidiano da criança que, inserida no espaço da brincadeira, “*articula passado, presente e futuro, bem como as formas e os conteúdos narrativos herdados pela criança tanto da tradição oral familiar e comunitária quanto dos meios de comunicação de massa*”.

Valdo Barcelos (2008, p. 73) nos afirma que as crianças, via de regra, “*são bastante criativas e imaginativas, o que nos possibilita uma diversidade enorme de alternativas de trabalho se abrimos espaços para a ludicidade e a criatividade das crianças e adolescentes*”.

Pensando assim, a brincadeira-performance¹⁴ que criei foi: Vamos fazer-de-conta que existe uma senhora chamada dona Generosa. Ela mandou cartas

¹⁴ Entendo-a pela “[...] *noção de espaço de performance, traduzido como aquele que insere o espectador na obra-proposição, possibilitando a criação de uma estrutura relacional ou*

para as crianças e as convidou para que fizessem uma pesquisa¹⁵. Quem é dona Generosa? Ela escreve, ela fala, manda recados. Criei uma história, recheada de mistérios e levei as crianças para fazerem uma pesquisa na e sobre a Lagoa do Peri¹⁶. Elas foram estimuladas a narrar histórias, que tivessem como pano de fundo essa Lagoa, por meio de diferentes formas: ouvindo e contando histórias, desenhando, escrevendo, filmando, fotografando.

Segundo o pesquisador Egan (2007, p. 23): “o estímulo e o desenvolvimento do modo narrativo mental é educacionalmente vital. E esse modo, originado em histórias que nos ajudam a memorizar, é o domínio no qual a imaginação é imprescindível”.

1.3 Tateando uma educação ambiental como dispositivo

Dentro do Grupo Tecendo estamos pesquisando sobre dispositivo e as possíveis relações com a educação ambiental¹⁷. A noção de dispositivo que utilizo é baseada na leitura que Gilles Deleuze (1990) faz do conceito, a partir de Michel Foucault¹⁸. Deleuze a desloca para uma noção mais artística, outra forma de lidar com o conceito, ativando a noção de dispositivo para a criação, para a invenção. É um “pensador da liberdade”, nas suas palavras (idem, p. 6):

“Todo o dispositivo se define, pois, pelo que detém em novidade e criatividade, o qual marca, ao mesmo tempo, sua capacidade de se transformar ou se fissurar em proveito de um dispositivo futuro. [...] Pertencemos a certos dispositivos e neles agimos. A novidade de um dispositivo em relação aos anteriores é o que chamamos sua atualidade, nossa atualidade. O novo é o atual. O atual não é o que somos, mas aquilo em que vamos nos tornando, o que chegamos a ser, quer dizer, o outro, nossa diferente evolução”.

comunicacional. Ou seja, o espaço de ação do espectador ampliando a noção de performance como um procedimento que se prolonga também no participante” (MELIN, 2008, p. 9).

¹⁵ O verbo conjugado no passado é uma “ferramenta de acionar o futuro, esse passado guia a brincadeira presente” (GIRARDELLO, 2008, p. 138).

¹⁶ O “acontecimento” está detalhado no Capítulo 3.

¹⁷ Estamos chamando essa prática investigativa de “educação ambiental como dispositivo”.

¹⁸ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: a vontade de saber*. 12ª. edição. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

Considero então como dispositivos as maquinarias (de ver e de fazer falar), as montagens, as práticas de educação ambiental que foram feitas com as crianças.

Sei que a prática pedagógica que construí esteve presente nos modos dessa tessitura e isso provocava em mim uma sensação de que ela precisava estar muito bem articulada. Nesse sentido, e inspirada em autores como Gilles Deleuze (1990), Consuelo Lins (2009) e Cezar Migliorin (2006), acionei a noção de dispositivo, como uma estratégia que pode promover narrativas, acontecimentos até então inexistentes. Ou seja, construir práticas pedagógicas para disparar outros modos de ver e narrar a Lagoa do Peri.

Se pararmos para observar, veremos muita repetição nos trabalhos de educação ambiental. Existem projetos e pesquisas interessantes, sim, porém dispersos e com pouca força. Quero fugir dessa repetição, dessa circularidade, de dizer o que está dito. E a idéia de lidar com a noção de dispositivo faz disparar movimentos não existentes. Não pretendo com isso fazer pensar de determinado modo. Não é isso. Promovo a possibilidade de outros pensamentos.

Para ilustrar um pouco a idéia de dispositivo, comento sobre o documentário “Rua de Mão Dupla” de Cao Guimarães¹⁹, sob olhar de Consuelo Lins (2009). “Rua de Mão Dupla” mostra o indivíduo de outra maneira, provoca uma criação de si: as personagens não falam de si, e sim do outro. O diretor do documentário convidou seis pessoas que não se conheciam para trocarem de casa por vinte e quatro horas. Com uma câmara digital, deveriam filmar elementos da casa e imaginar como seria o morador. Ao final, cada um fez seu depoimento para a câmara, sobre o morador imaginário. Cao Guimarães concebeu um jogo, elaborou uma “maquinação”, uma lógica, um pensamento, definiu regras, impôs limites. Possibilitou, porém, o deslocamento de visões estabelecidas, criou novas maneiras de ver e de ser, de experimentar outras sensações.

Dessa mesma forma encontramos livros, filmes como dispositivo. E por que não na educação ambiental? O dispositivo como uma “estratégia

¹⁹ Para saber mais, acessar: www.caoguimaraes.com

narrativa”, “capaz de produzir um acontecimento na imagem e no mundo” (MIGLIORIN, 2006, p. 2).

Assim como “Rua de Mão Dupla” mostrou o que ainda não existia, minha pesquisa propôs que novas narrativas fossem criadas, que não poderiam existir sem a ação do dispositivo. Fazer disparar um movimento não presente ou preexistente no mundo. Nas palavras de Guimarães (2009, p. 07):

“Não se trata, portanto, de contar, de documentar, de arquivar, de analisar uma história já vivida, mas de viver uma história para poder contar, criar, experienciar, diagnosticar. Histórias produzidas por um agir, por uma ativação, por uma maquinação prevista para que haja uma narrativa, ou melhor, para que uma narrativa possa ser criada”.

Foi pensando nessa “educação ambiental como dispositivo” que se tornou possível definir as perguntas centrais de minha investigação. Que narrativas seriam criadas pelas crianças, por meio do dispositivo da educação ambiental? Como seriam narradas as relações das crianças locais com os humanos e os não-humanos do Parque?

Tais eram as perguntas, antes de eu realizar as atividades com os educandos/as. Depois que dona Generosa entrou em cena houve uma reconfiguração do problema, que se definiu e se concretizou somente no final da pesquisa. Eu pensava em focar nas narrativas das crianças, porém percebi que o processo em si é que merecia destaque e reflexão. No momento em que me deparei com todo o material produzido pelos alunos e alunas (são falas, escritos, desenhos e imagens) as minhas perguntas já não faziam mais sentido. Tinha a certeza de que não queria nem conseguiria categorizar nem os escritos, nem os desenhos, nem as imagens, talvez por um receio de simplificá-los.

É comum (e por isso não menos importante ou interessante) encontrarmos pesquisadores e pesquisadoras de educação ambiental que analisam os dados de suas pesquisas: inserindo legendas explicativas, direcionando olhares, agrupando, separando, julgando. Penso que é semelhante ao movimento que o monitor da trilha interpretativa de educação ambiental faz no seu dia a dia, tal qual como já comentei. Um exemplo dessa categorização e tipo de análise que não faço pode ser exemplificada na

pesquisa de Pereira (2008, p. 99), em que os desenhos das crianças sobre o que é meio ambiente passam por recortes, separações e um julgamento que, para mim, interferem e limitam a leitura do leitor. Outro modo de apresentar os desenhos, e com que simpatizo mais, pode ser observado no trabalho de Oliveira Jr (2006). O autor faz comentários sobre os desenhos, porém deixa espaço para que o leitor vá pensando junto com ele a respeito. O pesquisador tece suas conclusões ao mesmo tempo em que as questiona.

Pensando em tudo isso, na inventividade do modo de construção da pesquisa, e no que aconteceu durante os encontros com os alunos/as, fiquei então muito mais preocupada em discutir como foi esse nosso processo. Como não houve a intenção de conduzir a certos resultados, não pretendo analisar, interpretar²⁰ dados. Não vou limitá-los ao meu olhar e parecer. Foi nesse deslizamento que percebi a principal busca da pesquisa: Como construir uma trilha na qual os silêncios²¹ possam estar presentes, visíveis e enunciados?

²⁰ Quando me refiro a não querer interpretar os materiais produzidos pelo dispositivo pedagógico que inventei é no sentido de não desejar explicar ou analisar o que pensam ou o que percebem as crianças. Meu interesse foi trabalhar com os materiais produzidos pelas crianças, ou seja, "interpretar" o que eles permitem pensar e refletir.

²¹ No Capítulo IV abordo essa questão.

2. Capítulo II – A Lagoa do Peri

2.1 A Lagoa do Peri

Impossível não se encantar com esse lugar. Conheci a Lagoa do Peri no ano de 1993. Desde então venho cultivando uma relação de afeto, atenção e cuidado com ela. Para mim, já foi cenário de declaração de amor, piqueniques familiares, passeios com amigos. Já fiz a trilha com um grupo de professores, organizei uma “vivência” com alunos da biologia, participantes do Encontro Nacional de Biologia, atuei como voluntária (durante um verão inteiro!) em uma exposição de mamíferos aquáticos locada na sede do Parque, organizei palestras e mini-cursos, todos realizados nessa área. Desenvolvi (e defendi²²) meu TCC no Parque Municipal da Lagoa do Peri.

O nome da Lagoa vem de “peri” ou “piri”, uma espécie de junco (*Fuirena robusta*), muito abundante nas suas margens (foto 01²³). Também é um termo indígena, que em tupi significa esteira de junco, planta flexível (FLORAM, s/d).



Foto 01: O “peri” ou “piri”

Viajantes estrangeiros passaram pela região, nos séculos XVIII e XIX e registraram suas impressões sobre o lugar. Apresento fragmentos do relato feito pelo Barão Georg Heinrich von Langsdorff em sua visita à Ilha, no ano de 1803 (HARO, 1990, p. 171-172):

[...] de todas tenciono relatar uma que fizemos ao lugar de montanha chamado “Sertão das Picadas”, onde existe um grande rio de nome Ribeirão [...] Ao invés de coqueiros e bananeiras, plantações de café,

²² Colegas e professores deslocaram-se até o Parque Municipal da Lagoa do Peri para me ouvirem defender o TCC.

²³ Foto de Márcia Riederer. As demais fotos deste capítulo são de Guto Costa.

açúcar, arroz e algodão, a que já estava habituado a ver, podia agora admirar dentro das florestas a Peroba, o Óleo, a Figueira, a Garabisi, a Garaberi, a Garaxuba, a Garabrura, o Cedro etc., de árvores mais altas e mais volumosas jamais vistas por mim. Causaram-me forte impressão os troncos muito desenvolvidos, cujas copas são formadas por farta folhagem, com os ramos cobertos de flores e frutos [...] A natureza viçosa, que aqui apresenta uma maior fertilidade e variedade de cores, um esplendor da forma, da riqueza e plenitude que se possa sonhar, povoou ainda esta floresta com uma infinidade de seres; minha atenção voltou-se para os mamíferos, os pássaros, os insetos e anfíbios que nós, europeus, só conseguimos ver, muito raramente, em coleções muito grandes de ciências naturais, empalhados ou em álcool”.

A Bacia Hidrográfica da Lagoa do Peri está situada ao sul da Ilha de Santa Catarina (figura 01)²⁴. Abrange uma área de 20,3 km², sendo que, deles, aproximadamente um quarto corresponde à lâmina d’água, formando o maior manancial de água doce da Ilha (IPUF, 1978).

A leste, a Lagoa é separada do Oceano Atlântico por uma faixa plana de restinga coberta por vegetação característica desse tipo de formação que, nos idos de 1970, foi parcialmente (1/3 aproximadamente) substituída por espécies exógenas, como *Pinus* e *Eucaliptus*. É nessa região que ocorre elevada ocupação ilegal e desordenada, gerando a maioria dos conflitos que ali ocorrem. A porção ocidental apresenta uma topografia acidentada, com altitudes inferiores a 500 metros (IPUF, 1978).

Apesar de a Lagoa do Peri estar próxima ao oceano, sua água é doce, pois está acima do nível do mar. Além da exuberante beleza cênica, e da importância biológica de seus ambientes, sua água abastece parte da população da Ilha de Santa Catarina (aproximadamente 113.000 pessoas).

Referente a esse tema, é importante expor uma polêmica atual, a qual tem a região do entorno da Lagoa do Peri como palco principal. Neste ano de 2010, depois de uma série de ressacas que ocorreram na região em sequência, uma considerável faixa da Praia da Armação foi erodida, causando o desmoronamento de casas e impactando boa parte dos moradores dessa área beira-mar. Além das conseqüências diretas para a comunidade, existe ainda um risco de que tal fato possibilite a contaminação da Lagoa por água salgada. Esse fato tem alimentado debates sobre a situação da Lagoa e seu entorno.

²⁴ Localizada entre as coordenadas 27°42'30" e 27°46'30" de latitude Sul e 48°30'00" e 48°33'30" de latitude Oeste (IPUF, 1978).

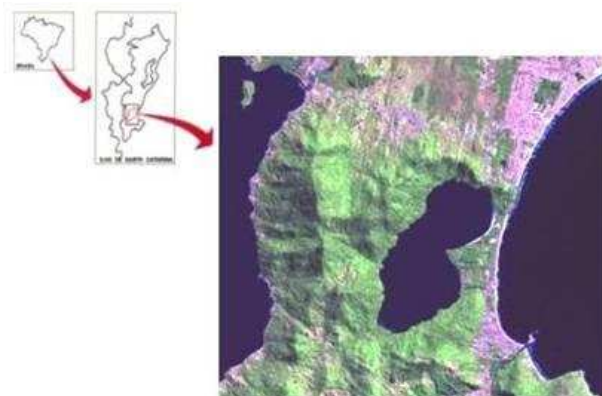


Figura 01: Localização geográfica da Lagoa do Peri

Estudo de Soriano-Sierra (1999) apresenta a cobertura vegetal da Bacia da Lagoa do Peri constituída por seis formações bem definidas: floresta ombrófila densa; estágios sucessionais; pastagens; vegetação de restinga; plantações e campos edáficos secundários.

A Lagoa apresenta uma fauna diversificada: abriga peixes, crustáceos, répteis, anfíbios, aves, mamíferos, insetos, aracnídeos e moluscos, que utilizam esse ambiente temporariamente para alimentação, crescimento, desova e maturação ou como habitat permanente (BLABER E BLABER, 1980 *apud* SILVA, 2000).

São diversas as pesquisas²⁵ feitas no Parque Municipal da Lagoa do Peri, porém pouquíssimos pesquisadores retornam com seus trabalhos conclusos. Há alguns *banners* não datados, e com aparência de serem antigos, espalhados no último andar da sede do Parque. Dentre os trabalhos expostos, destaque dois que “fogem” dos temas predominantes: fauna, flora, água, solo. O primeiro, sobre a cultura açoriana, envolveu moradores do Morro do Sertão e o segundo, organizado por professores do Colégio Aplicação (UFSC) chamado “Trilha na Ilha - fauna e flora”, foi criado com o intuito de os alunos fazerem atividades físicas ali. Há também algumas pesquisas na área de etnobotânica,

²⁵ Conversando com Mauro, funcionário da FLORAM, ele disse que não há um número exato de pesquisas científicas realizadas na área do Parque. Existe um projeto para se fazer um levantamento mais detalhado dos trabalhos realizados sobre o Parque. Até o momento, o levantamento verificou que, de 23 projetos apresentados ao Parque, entre 2007 e 2009, apenas três retornaram com a conclusão dos estudos.

realizadas com a comunidade do Sertão do Peri (uso de plantas, plantas medicinais).

2.2 A criação do Parque

De 1748 a 1756 desembarcaram em Santa Catarina cerca de seis mil agricultores e pescadores, provenientes na sua quase totalidade das ilhas de Açores. Os primeiros aportados foram estabelecidos na Vila de Desterro e nos seus arredores. Para fixar as famílias chegadas nos anos seguintes, fundaram-se novas freguesias (CABRAL, 1987).

A pesquisadora Sonia Maluf (1993, p. 137) nos apresenta dois caminhos para “*buscar compreender a influência do imaginário europeu medieval sobre as crenças em bruxaria na ilha*”. O primeiro é a semelhança encontrada entre alguns relatos ilhéus e outros, sobre a bruxaria européia. O segundo se dá pela análise histórica da trajetória açoriana na época da sua vinda e colonização. Maluf explica que, quando os açorianos começaram a chegar à ilha, ainda queimavam na Europa as últimas fogueiras da Inquisição. A visão racionalista do mundo contaminou as classes dominantes, porém ela não foi automaticamente incorporada pelas camadas populares. Assim, a bruxaria ainda ressoava no imaginário popular.

Embora não se tenha dados específicos sobre a ocupação da Bacia da Lagoa do Peri, sabe-se que a agricultura era a atividade principal daquelas famílias provenientes do núcleo do Ribeirão e que se estabeleceram nas partes elevadas do sul da bacia (Sertão do Ribeirão), devido à altitude (dificuldade de acesso), à maior distância em relação ao mar, à existência de um solo mais fértil (embora de relevo acidentado) e de muitos mananciais de água. Já a área de restinga, a leste, foi ocupada por famílias originárias do núcleo de Armação, onde as atividades produtivas conjugavam a pesca com a agricultura de subsistência, dada a proximidade com o mar, com a lagoa e a ocorrência de terrenos planos e arenosos (CABRAL, 1999).

Até as primeiras décadas do século XX, a Lagoa do Peri apresentou um quadro de exploração dos seus recursos naturais. O desmatamento, visando atender às necessidades dos povoadores (para agricultura), tornou-se

crescente. Mas, a partir dos meados desse século, ao contrário de outras áreas da ilha, esse quadro foi se modificando. Com a decadência da economia dos engenhos, e a substituição da atividade agrícola por outras mais dinâmicas, grande parte das áreas cultivadas foram sendo abandonadas. É por causa disso que atualmente encontramos a vegetação em recuperação (CABRAL, 1999; CECCA, 1996).

Paralelamente, com a ascensão da questão ambiental a Bacia da Lagoa do Peri, por toda sua importância ecológica, principalmente pelo seu manancial hídrico, foi alvo de inúmeros decretos e leis que visam à sua preservação e conservação. Destaco o decreto presidencial de 1952 que declarou as florestas e vegetações remanescentes da Lagoa do Peri de propriedade do Governo do Estado de Santa Catarina. Em 1976, o Decreto Municipal nº 1408 tombou como Patrimônio Natural do Município, toda a Bacia da Lagoa do Peri, mais os limites compreendidos entre a porção leste da bacia e a estrada SC-92, totalizando, essa área tombada, aproximadamente 20,30 ha e a área da lagoa, 5,15 ha (CECCA, 1997; SANTA CATARINA, 1976).

O Parque Municipal da Lagoa do Peri foi criado no ano de 1981, por meio da Lei Municipal nº 1.828 (SANTA CATARINA, 1981), com objetivo de proteger o manancial hídrico da Bacia da Lagoa do Peri e o patrimônio natural, representado pela flora, fauna e paisagem do lugar, propiciar o desenvolvimento social crescente da comunidade nativa e aproveitar as condições peculiares de sua paisagem natural e cultural, para o adequado desenvolvimento de atividades educativas, de lazer e recreação. Em junho de 1982, o decreto municipal nº 091 regulamentou a lei que criou o Parque Municipal e instituiu seu Plano Diretor (CECCA, 1997; SANTA CATARINA, 1982).

O Parque é considerado Área de Preservação Permanente. Seu Plano Diretor estabeleceu um zoneamento que o segmentou em três áreas (figura 02), cada qual com uma definição do uso do solo apropriado (CECCA, 1997; CABRAL, 1999).

PARQUE MUNICIPAL DA LAGOA DO PERI LOCALIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO



Figura 02: Representação do Parque Municipal da Lagoa do Peri (CABRAL, 1999).

- **Área de Reserva Biológica:** é de preservação integral e permanente de seus recursos naturais e de importância fundamental ao manancial hídrico da Lagoa. É permitido, nessa área, realizar estudos científicos, fazer a recomposição da flora e fauna nativas.
- **Área de Paisagem Cultural** (foto 02 e 03): onde se localizam os assentamentos e atividades humanas tradicionais: destina-se ao desenvolvimento social da população residente, à proteção de fauna e flora, bem como da paisagem resultante das atividades tradicionais na área. São permitidos apenas os usos públicos de interesse social e as atividades agrícolas e de transformação artesanal tradicionais, compatíveis com a preservação do ambiente natural.



Fotos 02 e 03: Área de Reserva Cultural – Sertão

- Área de Lazer: corresponde à área da restinga (foto 04) e da própria Lagoa, onde se pretende conciliar a preservação dos recursos naturais com os objetivos científicos, educacionais e de lazer. Na Lagoa, é permitida a pesca de subsistência para a população local, a recreação de superfície e a prática de esporte não motorizado (foto 05).



Foto 04: Vista do mirante da Casa de Retiro



Foto 05: Sede Administrativa do Parque

Seguindo em direção à Praia da Armação, mais ou menos a uns 500 metros depois da sede do Parque, nos deparamos com a Estação de Tratamento de Água (ETA), do Projeto Costa Leste-Sul, construída pela CASAN (foto 06), que capta a água da Lagoa. Junto à sede da CASAN também se encontram as instalações do Laboratório de Biologia e Cultivo de Peixes de Água Doce (LAPAD), do Departamento de Aquicultura da UFSC. Continuando nessa mesma direção, existe a “Escolinha da Lagoa do Peri”, que atende a crianças de 2-6 anos e onde funciona a sede da Associação dos Moradores da Lagoa do Peri – ASMOPE (foto 07).



Foto 06: Estação de Tratamento de Água (ETA)



Foto 07: Associação dos Moradores

A implantação de Parques ou de outra categoria de Unidade de Conservação, com presença de moradores em sua área, é um tema polêmico que gera conflitos. No caso do Parque Municipal da Lagoa do Peri não é diferente. A relação moradores *versus* Parque é delicada e complicada.

Há os que defendem que as populações ditas tradicionais²⁶ em áreas restritivas devem ser mantidas; por outro lado, há os que defendem exatamente o contrário. Os argumentos são fortes de ambos os lados. Em 1992, a Convenção da Diversidade Biológica - CDB, reconheceu que as populações tradicionais têm muito a contribuir para o uso sustentável e a conservação de recursos naturais.

Residem no território do Parque Municipal da Lagoa do Peri, segundo dados da Fundação Municipal do Meio Ambiente (FLORAM)²⁷, 700 (setecentas) pessoas, em 309 residências (CABRAL, 1999).

Do total de habitantes, aproximadamente 77% reside na Área de Lazer. Embora haja moradores em vários pontos da faixa de restinga, duas aglomerações devem ser mencionadas: uma bem maior, radicada às margens da SC-406, contígua ao núcleo da Praia da Armação, e outra, menor, mais próxima à lagoa e que se identifica como “Comunidade da Lagoa do Peri” (CABRAL, 1999).

²⁶ A recente definição de Povos e Comunidades Tradicionais, do Decreto 6040, de 7 de Fevereiro de 2007, é: “*grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.*”

²⁷ Conforme trabalho de Cabral (1999), essa estimativa provém do levantamento efetuado pela FLORAM, em 1997/98. Mauro, funcionário dessa Fundação, me informou que existe uma proposta para se realizar levantamento do número de habitantes e residências da área no Parque.

O aumento do número populacional, que ocorreu a partir de 1978, pode ser explicado pelo asfaltamento da Rodovia SC-406 (que acarretou num acelerado desenvolvimento urbano-turístico da ilha) e pela ausência de mecanismos de controle da ação humana, pois a fiscalização (com apenas dois fiscais) só começou a atuar no Parque em meados de 1986 (CABRAL, 1999).

Ainda na Área de Lazer, observei a presença (intrigante) dos setores público e privado. Depois da criação do Parque, estruturas construídas que funcionam de forma privada (embora preguem ser de utilidade pública) podem ser observadas nessa área, como a sede campestre do “Grupo dos Trinta” um grupo de associados que inclui vereadores, advogados, médicos etc., e uma sede de escoteiros.

A paisagem muda em direção ao Sertão do Peri, na Área de Paisagem Cultural. As casas encontram-se dispersas em meio aos campos, e as cercas de arame ou bambu protegem as áreas de roça.

A produtividade nessa área é extremamente baixa, pois o uso contínuo das mesmas áreas reduziu a fertilidade do solo. Se antes esse quadro podia ser revertido, com a abertura de novas áreas de floresta, hoje ele é agravado pelas restrições de uso impostas com a existência do Parque e pela ação da fiscalização, que impede a derrubada da vegetação – ainda que isso aconteça de forma clandestina e pontual (CABRAL, 1999).

O início dos conflitos entre moradores e a administração do Parque pode ser acompanhado por meio da divulgação feita pelos jornais e começou na medida em que a implantação e fiscalização do Parque foram concretizadas.

A Associação dos Moradores – ASMOPE foi fundada em 17 de maio de 1986, constituída para defender os direitos e interesses dos moradores, frente às ameaças e problemas desencadeados com o processo de implantação do Parque (CABRAL, 1999).

No início de 1987, o serviço de fiscalização se intensificou, aumentando ainda mais a tensão entre moradores e administração. Em 1988 aconteceu a primeira de uma série de demolições de construções irregulares. Somente nos últimos três anos houve oito demolições, relacionadas à ação judicial de 1998. A maioria das propriedades destruídas, além de estar irregular quanto ao

Parque, por se encontrar em área de preservação permanente, ainda se localizava em área de Marinha²⁸.

Por alguns anos, mesmo com fiscalização dentro da área do Parque, denúncias de desmatamentos, queimadas e ocupações ilegais vinham acontecendo. Nessa época, os técnicos responsáveis alegavam falta de equipamentos para atuar ali (TEIXEIRA, 1991). Em meados da década de 90, finalmente a atuação da fiscalização teve destaque em jornais, pela apreensão de redes, tarrafas, proibidas no local, e de quatro invasões (CABRAL, 1999). Em Florianópolis existem oito fiscais da Floram, que atendem às nove Unidades de Conservação existentes na Ilha, e mantêm uma rotina de trabalho em escala de plantão²⁹, dos quais hoje há apenas um fiscal que se apresenta para trabalhar no Parque.

Em 1995, foi instituída a Fundação Municipal do Meio Ambiente de Florianópolis - FLORAM para executar a política ambiental do município³⁰. A Educação Ambiental desse órgão³¹ tem como objetivo formar indivíduos capacitados a analisar, compreender e julgar problemas ambientais, na busca de soluções que permitam ao homem coexistir de forma harmoniosa com a natureza. Essa Fundação faz o atendimento ao Município de Florianópolis por meio de 09 (nove) Projetos de Educação Ambiental, com o objetivo de conscientizar a população para a importância do meio ambiente. Um desses projetos é *Educação Ambiental nas Unidades de Conservação*, desenvolvido diretamente nas Unidades de Conservação (UC's), entre as quais está o Parque Municipal da Lagoa do Peri.

Cabe aqui ressaltar que o Decreto 091/82 instituiu a estrutura administrativa do Parque, de que merecem destaque a superintendência (exercida pela FLORAM) e o conselho de moradores (SANTA CATARINA, 1982). Atribui-se à primeira responder pela gestão técnica, administrativa e operacional do Parque; promover o relacionamento dos moradores e demais

²⁸ Anotações durante conversa com o funcionário Mauro.

²⁹ Idem, nota n. 24

³⁰ Sobre educação ambiental, a citada Lei apresenta, como uma das finalidades básicas da Fundação: "Promover a conscientização política para a proteção do meio ambiente, criando instrumentos adequados para a educação ambiental como processo permanente, integrado e multidisciplinar em todos os níveis de ensino, incluindo a criação de espaços formais e informais para a construção de uma cidadania ambiental, especialmente em crianças e adolescentes".

³¹ Para saber mais, acessar: www.pmf.sc.gov.br

usuários com a administração municipal; exercer a secretaria do conselho de moradores; exercer o poder de polícia administrativa sobre o meio ambiente; deliberar sobre as licenças e autorizações e supervisionar o serviço de fiscalização, que deverá ser formado preferencialmente por guardas e vigias contratados dentre os moradores do Parque. O Conselho de Moradores é um órgão colegiado de aconselhamento da administração do Parque, composto por onze moradores, eleitos em assembléia.

Mais uma luta da comunidade, que repercutiu nos jornais, foi a criação do Conselho de Moradores. Somente em dezembro de 1997 o Conselho foi eleito e uma de suas primeiras ações foi elaborar um relatório sobre a situação dos residentes, especialmente da Área de Lazer (CONSELHO, 1998a).

A criação da Estação de Tratamento de Água – ETA gerou bastante polêmica. Já em 1988 se discutia a criação da estação, mas nesse mesmo ano a CASAN descartou a possibilidade de captação de água da Lagoa do Peri. Em agosto de 1991, porém, a concretização da construção da ETA dependia apenas de verba (CABRAL, 1999). Em 1995, a CASAN comemorava a liberação da verba, pelo Banco Mundial para a implantação do sistema. Enquanto isso, moradores e organizações ligadas ao meio ambiente questionavam a construção da estação; de um lado, por medo da descaracterização da paisagem e da elevação do nível da lagoa; de outro pela preocupação com a possibilidade de, como consequência, surgirem outras obras grandiosas no local (CABRAL, 1999).

Nesse mesmo ano, um surto de hepatite “A”, que contaminou 136 pessoas da comunidade, levou à imprensa uma reivindicação antiga das comunidades locais, que vinha desde a década de 70; a luta por uma rede de água potável. Decretado o estado de calamidade, por causa do surto, e comprovado que a dispersão da doença se deu através do abastecimento de água, a CASAN, imediatamente, perfurou ponteiras às margens da lagoa (CABRAL, 1999).

Em 1997, juntamente com a construção da nova sede administrativa do Parque³², teve início o processo de cadastramento das pessoas que residiam

³² Para poder construir essa edificação com mais de um pavimento, teve-se que alterar o Decreto 091/82, que no seu artigo 7º diz que “nenhuma edificação terá altura superior a um

em toda sua área. Como não lhes foi explicado a respeito do trabalho que seria feito, muitos moradores acabaram mentindo sobre residirem no local ou não compareceram à sede, para preencher a ficha cadastral (MIRANDA, 1998).

Além disso, está em pauta a discussão sobre os limites reais do Parque; os limites ao sul, mais especificamente, cuja comunidade em grande parte da não estaria inserida na área do Parque (Conselho, 1998b). No final de 2009, a Câmara Técnica da FLORAM, formada por técnicos de todas as áreas da Fundação, pronunciou-se sobre o assunto. Levando em consideração o mapa utilizado na criação do Parque, que data de 1976, os técnicos apontaram que as propriedades se encontram, sim, no interior dele³³.

Penso que grande parte dos problemas que emanam do embate “moradores *versus* parque” tem suas raízes na precariedade do processo de implantação do Parque e, principalmente, na omissão do poder público municipal em empreender a participação dos moradores no processo - como, por exemplo, a construção da ETA e o início do cadastramento dos moradores, em 1997. Nesse sentido, Santos (2004, p. 169) argumenta: “*Nenhum planejamento se efetiva, verdadeiramente, sem a participação popular e sem uma forte proposta de educação ambiental*”.

Atualmente, discute-se sobre a mudança de categoria dentro do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC). Foram cogitadas duas possibilidades: Monumento Cultural e Refúgio da Vida Silvestre. As duas permitem propriedades privadas, porém não deve haver utilização dos recursos naturais, não permitindo o reenquadramento do Parque do Peri em algumas delas. Uma opção, a ser analisada, é fazer uso de uma disposição do SNUC, que prevê exceções: continuaria a denominação Parque, mesmo sem se respeitarem as limitações de um Parque de fato. Há um interesse da comunidade que essa revisão da categoria fique parada ou que o Parque seja enquadrado em uma categoria mais flexível, que atenda aos interesses dos moradores. As ações para que ocorra essa mudança estão paradas, pois há a necessidade que sejam apuradas quantas e quais são as propriedades irregulares ali existentes, se os moradores se encontram no local desde antes

pavimento”. A alteração dispõe, em seu art. 1º, que essa regra não se aplica à sede administrativa e nem a ETA permitiu sua construção.

³³ Idem nota n. 24

da criação do Parque ou não, se são descendentes dos primeiros moradores e quais são os títulos imobiliários que possuem³⁴.

Esses fatos constituem uma “pincelada” em alguns acontecimentos “cotidianos” do Parque e de seus moradores. A relação conflituosa entre ambos vem de longa data e, por enquanto, é difícil vislumbrar uma situação diferente para eles.

Passo agora a me dedicar aos capítulos seguintes que abordam sobre o processo da pesquisa e algumas reflexões.

³⁴ Idem nota n. 24

3. Capítulo III – Os bastidores da trilha

3.1 O conto que não foi contado

Era abril ou maio de 2009. Eu estava preocupada com as atividades que iria elaborar com as crianças, conforme já mencionado. Pensei em escrever um conto a partir dos depoimentos das pessoas mais antigas da Lagoa do Peri, que tenho registrados em meu caderno de campo da minha pesquisa de TCC. Desse caderno foi possível destacar os seguintes temas: *engenhos*, *benzeduras*, *bruxas* e *'lambisome'* ³⁵ que contam um pouco sobre os modos de vida e as magias da Lagoa, os causos e as histórias vividas.

Escrevi o conto. Que difícil fazê-lo! De todas as minhas narrativas, resgatei uma de que gosto muito e acreditava que merecia ser ouvida, sobre um homem que é descoberto *lambisome*.

O mistério do *lambisome*

Há muitos anos, nas margens da Lagoa do Peri, vivia uma família esquisita. Dona Jurita era grande, forte, mãe de 25 filhos homens. Quando ia pra cozinha amarrava seus longos cabelos negros e os cobria com um lenço azul. E suava muito, sim, porque mexer um panelão de feijão no seu fogão de barro não era tarefa fácil. O que tirava Dona Jurita do sério era descobrir que seu sétimo filho fugia. E isso acontecia todos os meses, na lua cheia. E lá saía Dona Jurita berrando pela vizinhança: Getúúúúúúúúúúúúlio!!!! Na escola, Getúlio ficava sempre sozinho. Aparecia na aula com as unhas roídas e sujas de terra, o cabelo suado. Às vezes até dava pra ver uma terrinha no canto da boca. E a professora o mandava pro fundo da sala. Os colegas se entreolhavam, davam olhadelas de canto para ele, cochichavam. Sentiam arrepios cada vez que ele passava por perto. E assim ele foi crescendo. Meio amarelo. Nunca conseguiu um emprego decente. Sumia muitas vezes, depois aparecia como se nada tivesse acontecido, com uma cara de quem tinha aprontado. Apesar de tudo, era atencioso com sua mãe e ela gostava dele. Era Getúlio que fazia compras quando a mãe precisava. Certa noite, Dona Jurita pediu fósforos e ele precisou ir até a venda amarela de seu Adolfo. Quando entrou, Getúlio percebeu que a porta dos fundos estava aberta. Disfarçou e saiu por ali de fininho. Logo na saída tinha uma cocheira com uma porca enorme farreando. Dizem que ele entrou na cocheira, deitou e rolou na lama quente. Logo depois a porca saiu correndo. Passou muito rápido por dentro da venda, deslizando suas patas de barro pelo chão, bateu nos pés da mesa e fez voar guardanapos e fez cair pratos e copos. Ninguém

³⁵ É comum encontrar antigos moradores da Ilha de Santa Catarina que falam *lambisome*, ao invés de *lobisomem*.

entendeu nada. Seu Adolfo gritou na hora: Ei, Getúlio, a porca fugiu!!! E lá da rua uma mulher avisou: Ih, ninguém pega mais, lá se foi pro Pântano do Sul!!! Seu Adolfo foi até a cocheira, ver o que tinha acontecido. Tinha certeza de que a portinhola estava trancada. Coitado! Levou foi um susto. Ao ver a roupa do Getúlio no meio da cocheira, pensou: Mas que diabos está aprontando agora? Coçou a cabeça, mordeu os lábios e deu um salto! E não veio nenhuma idéia na cachola. Tentou de novo, na mesma ordem: coçou a cabeça, mordeu os lábios e deu um salto. Nada ainda. Sentiu foi um frio na espinha. Será que o rapaz está correndo perigo? E se o lobisomem passou por ali e o atacou? Ai, ai, ai, ai. Chamou os vizinhos e os homens que estavam na venda. Pediu para que todos ficassem ali. Vamos esperar. Mas o que será que Seu Adolfo estava pensando que iria acontecer? E esperaram um bocado. O relógio de parede só anunciava o passar das horas. Deu nove horas. E nada. Deu dez horas e nada. Deu onze horas e nada. E deu um tempinho depois da meia-noite e todos escutaram os passos de alguém e uma respiração ofegante. Todos se olharam. Um começou a rezar. Outro foi pra debaixo da mesa. Teve um que deixou escapar o xixi. É, já estava mais do que na hora de desvendar esse mistério. E vejam só quem entra porta adentro! Na mesma hora, os homens que estavam ali saltaram rápido na sua frente. Era ele mesmo, Getúlio. Apareceu. Pelado. Ia vestir a roupa toda suja de lama. Seu Adolfo ainda teve tempo de dar uma bambuzada nele. E Getúlio saiu pela porta, de cabeça baixa.

O que contam por aí é que depois que descobrem quem é o lambisome, ele não sai mais. Desaparece. Fica numa tristeza que só. Na verdade, quando eles são lambisomes eles não sabem. Quando os outros descobrem que eles são, daí é que ele vai saber que era lambisome. E essa história ficou em segredo por muito tempo: ninguém podia falar o que viu, porque podiam castigar a pessoa que contasse. Uma vizinha bem que tentou avisar, mas ninguém deu ouvidos. Se dona Jurita chamasse o sétimo filho de Bento, nada disso teria acontecido.

Na opinião de Fox & Girardello (1999, p. 92) o primeiro critério para a escolha de uma história a ser narrada deveria ser o “prazer dramático” (e não o ensinamento) que ela fosse capaz de despertar na criança. Os mesmos autores comentam sobre a importância de se selecionarem histórias de que o narrador goste. Sabendo que as crianças não iriam somente ouvir, mas também contar histórias preocupava-me ter em mãos as que despertassem interesse nelas, em contar outras novas histórias sobre o lugar em que moram.

Historiadores pensam a invenção de formas diferentes, e a idéia de invenção que utilizo pressupõe um esfacelamento da ideia de que seria possível um acesso direto, transparente e objetivo à “realidade”, tal como podemos encontrar em algumas vertentes mais científicas de pesquisa, que vislumbram a possibilidade de um desvendamento do mundo. A noção de

invenção que emprego aqui mostra as alianças entre ficção e realidade, ou seja, não pretendi delimitar esses terrenos, mas sim promover seus entrecruzamentos, pois nos tempos midiáticos podemos pensar que vemos o mundo pelas lentes, por exemplo, dos filmes cinematográficos, que são, ao mesmo tempo, vistos por nós, por meio das experiências cotidianas que carregamos. Podemos, então, pensar que tudo que nós, seres humanos, decodificamos, olhamos e narramos - pois fazemos isso, sempre imersos na história e na cultura que vivenciamos -, é criado, inventado? Albuquerque Junior (2007, p. 20) afirma: “*O termo invenção, portanto, também remete a uma dada ruptura, a uma dada cesura ou a um momento inaugural de alguma prática, de algum costume, de alguma concepção, de algum evento humano*”. Inspirada nesse autor, na instituição de algo que surge como novo, eu acreditava que as crianças pudessem ver a Lagoa do Peri e narrar histórias a respeito dela de formas inventivas, diferentes e únicas.

Eu pensava que o único conto que escrevi seria uma das preparações para a elaboração das práticas pedagógicas que realizaria com as crianças, o que favoreceria a criação de novas narrativas. Resumindo, esse conto não foi utilizado nas práticas pedagógicas que promovi.

Em uma das visitas à escola, conversando com uma das professoras de português, ela me falou que estava desenvolvendo um projeto com as 3 turmas de quartas séries, sobre formas de escrita de contos. Uma turma estava pesquisando contos de terror, outra contos de fadas e a terceira, contos de Franklin Cascaes. Eu não via como um problema esse contato deles com os contos; o que me pareceu necessário foi considerar isso durante e depois das atividades com as crianças, pois considero que sempre houve mediações em jogo nas leituras que estas fizeram do que propus, ou seja, entendo as mediações “*como processos estruturantes que provêm de diversas fontes*” (não só de meios), “*incidindo nos processos de comunicação e formando as interações comunicativas dos atores sociais*” (GÓMEZ, 2006, p. 88).

3.2 As crianças, os encontros

Depois desse exercício de escrita, pensei nas crianças. Escolhi a Escola Básica Municipal Profª Dilma Lúcia dos Santos, localizada na Estrada Geral da Armação, sul da Ilha de Santa Catarina, pois a maioria dos seus alunos reside no entorno do Parque Municipal da Lagoa do Peri, meu foco de interesse e de estudo. As 26 crianças (entre 9 e 13³⁶ anos de idade), que considero coautoras da pesquisa, freqüentam a quarta série do ensino fundamental. Penso que se deve promover a produção de conhecimento, por meio da pesquisa em educação ambiental *com* as crianças e não *sobre* elas. Os pesquisadores Rodrigo Cupelli e Maria do Carmo Galiuzzi (2008, p. 1) comentam sobre a questão da coautoria com professores e tomei a liberdade de deslocá-la para as crianças:

“[...] é uma maneira de atenuar a dicotomia escola/universidade”, privilegiando “a co-construção do conhecimento nas interações que se dá em uma comunidade interpretativa. Assim, o outro é elevado da condição de objeto à condição de sujeito, primando-se pela produção de um conhecimento-emancipação que tem a solidariedade como estado de saber”.

O que busquei com esta pesquisa de mestrado foi construí-la junto com as crianças. Elas não são meu objeto de pesquisa, pois busquei não realizar nenhuma análise sobre elas.

Para pensar e programar os encontros me inspirei na revista “Drama como método de Ensino”, uma publicação do Departamento Artístico Cultural da UFSC, de 1998, cujo trabalho “*está centrado na busca e na análise das possibilidades e do potencial pedagógico do teatro nas séries iniciais*” (CABRAL, 1998, p. 9). O que mais me atraiu nesse material é a utilização da ficção para promover atividades. Apesar da ficção, da ludicidade, o texto sugere que o professor tenha controle do que será feito, de como será feito, ou seja, precisa evitar o desconhecido e o imprevisto. No planejamento das atividades busquei evitar esse excesso de controle, ou seja, permiti o imprevisto, o desconhecido, a insegurança, ficando em alguns momentos, por

³⁶ Duas crianças com 9 anos, 15 crianças com 10 anos, 6 crianças com 11 anos e 3 crianças com 13 anos. Por uma questão ética, sua identidade foi preservada.

exemplo, dependendo da escolha das crianças³⁷. Além disso, outra característica do texto é utilizar uma brincadeira de faz-de-conta, com o objetivo de o professor repassar a informação desejada, principalmente do programa da disciplina. Essa é outra diferença entre nossos trabalhos. Minha proposta, desde o início, foi não ter conteúdo informacional específico para “passar” para os alunos, pois meu objetivo era levar-lhes uma possibilidade de ampliação nos modos de ver e de narrar a Lagoa do Peri. Tal como comentei no Capítulo I, busco fugir dessa educação ambiental da informação e procurei seguir essa minha vontade desde o planejamento das atividades. É possível não querer ensinar na educação?

Tanto na revista citada acima quanto na minha pesquisa a palavra *teatro* é substituída pela palavra *drama*. Por dois motivos: primeiro, a estrutura dos encontros não é e nem parece teatro, pois “*não há uma representação previamente ensaiada, para ser apresentada frente a um determinado público*” (WEDEKIN, 1998, p. 95) e, segundo, “*quando nos referimos a processos de construção da narrativa dramática em grupo*” (CABRAL, 1998, p. 14).

O drama como atividade de ensino está associado a três características básicas: o *processo*, o *pré-texto* e os *episódios*. O *processo* preocupa-se com a dimensão da aprendizagem. O *pré-texto* deve ser interessante a ponto de criar expectativas, estimular e envolver emocionalmente os alunos. Os *episódios* permitem focalizar perspectivas distintas, aprofundar detalhes ou ações complementares, escolher caminhos secundários (CABRAL, 1998, p. 12-15). Confesso que não me atentei a essas etapas, durante a elaboração das atividades.

3.3 As necessárias trilhas burocráticas

Antes de comentar sobre as atividades, preciso registrar os caminhos percorridos para conseguir realizar a pesquisa no espaço escolar e no Parque Municipal da Lagoa do Peri.

³⁷ Diante as atividades estão detalhadas e essa questão fica mais clara.

Na escola realizei 4 visitas, para apresentar a pesquisa. Conversei com o diretor. Com a coordenadora pedagógica. Com a coordenadora do ensino fundamental. Com a professora da 4ª série, com quem eu iria trabalhar. Entreguei dois documentos: uma apresentação minha e da pesquisa (Anexo I) e uma carta do orientador (Anexo II). Esta foi assinada pelo diretor e pela coordenadora pedagógica e entregue na Secretaria Municipal de Educação, juntamente com um resumo da pesquisa (Anexo III). Entreguei na escola o documento de aprovação da Secretaria (Anexo IV), para desenvolver o projeto. A não aprovação desta não inviabilizaria a realização das atividades, porém, nesse caso, a escola não poderia emitir nenhuma declaração de que a pesquisa foi realizada com os alunos (Anexo V).

Para as atividades no Parque, encaminhei à FLORAM um resumo da pesquisa e um pedido de autorização para utilização da área (Anexo VI). Aguardei mais de 20 dias para receber a aprovação (Anexo VII).

3.4 Nossas trilhas, nossos encontros – A mensagem

*Tente se lembrar como foi que tudo aconteceu. Uma linda tarde de sexta-feira e você recebendo um envelope selado pela Agência dos Correios³⁸. Sim, é para você! Seu nome está ali, no destinatário. Você não reconhece o remetente: Dona Generosa. Mesmo assim, resolve abrir. Que estranho! Você encontra um pedaço de papel com algumas palavras incompletas. Um pequeno bilhete está preso ao cartão maior, com os seguintes dizeres: *Leve este cartão para a escola e, junto com seus colegas, descubra a mensagem completa. Será que foi sua antiga professora? Parecia ser uma atividade da escola.**

³⁸ Todos os envelopes foram registrados: assim, foi possível acompanhar o trajeto de cada um. Alguns não foram entregues (por causa de destinatário ausente, desconhecido ou com mudança de endereço) e consegui resgatá-los na Agência dos Correios.

Foi preciso esperar passar todo o final de semana. Na segunda-feira você leva o envelope com todo cuidado para a escola. Que curioso! Vários colegas também receberam um! Até a professora! Então, se não é a professora...quem está fazendo isso? Ah, que pena, não foi possível descobrir a mensagem, pois nem todos receberam a correspondência. Viva! É terça-feira e mais colegas trazem o envelope. Só que ainda faltam alguns. Pronto! Todos os seus colegas receberam um. Agora acho que vai dar certo. Ficou tudo combinado para sexta-feira. Chegou o dia!! E não foi dessa vez. Um de seus colegas esqueceu o cartão em casa. E agora, quando será possível descobrir a mensagem?

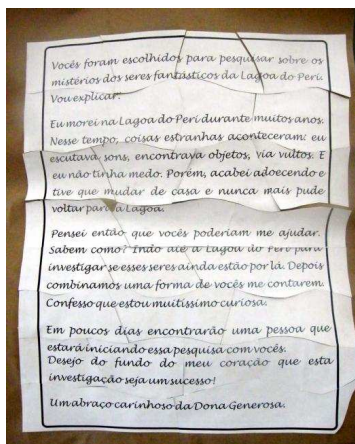
É segunda-feira de manhã. A professora faltou. E a substituta anuncia para a turma que a tarefa será montar a mensagem! Que legal! Eram 27 peças. Você coloca o seu pedacinho sob o papel pardo. E, junto com os colegas, vai montando o quebra-cabeça. Ops, professora! Colando no papel pardo não será possível ver qual o desenho que está atrás³⁹!

Ei, vejam! Já podemos ler a mensagem:

“Vocês foram escolhidos para pesquisar sobre os mistérios dos seres fantásticos da Lagoa do Peri. Vou explicar: Eu morei na Lagoa do Peri durante muitos anos. Nesse tempo, coisas estranhas aconteceram: eu escutava sons, encontrava objetos, via vultos. E eu não tinha medo. Porém, acabei adoecendo e tive que mudar de casa e nunca mais pude voltar para a

³⁹ No verso havia a cópia de um desenho de Cascaes. A idéia era montar a carta e fixá-la com papel *contact*. Assim seria possível visualizar os dois lados. Por pura coincidência o mesmo desenho de Cascaes compôs parte da capa do meu TCC.

Lagoa. Pensei então que vocês poderiam me ajudar. Sabem como? Indo até a Lagoa do Peri para investigar se esses seres ainda estão por lá. Depois combinamos uma forma de vocês me contarem. Confesso que estou muitíssimo curiosa. Em poucos dias encontrarão uma pessoa que estará iniciando essa pesquisa com vocês. Desejo do fundo do meu coração que essa investigação seja um sucesso. Um abraço carinhoso da dona Generosa”.



Nossa, professora! E agora?! Quem será que iremos encontrar? Quanto mistério! Acho que você foi para casa pensando, pensando...

3.5 Nossas trilhas, nossos encontros – A maleta

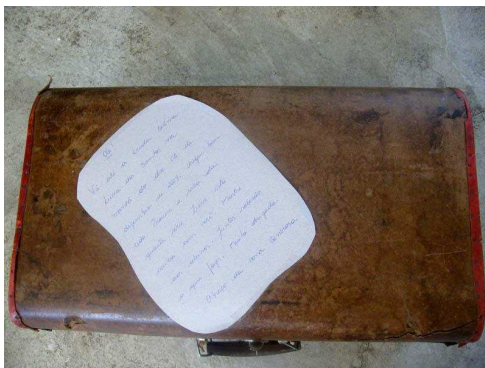
Na terça-feira de manhã lá estava eu. Dia 03 de dezembro de 2009. Madruguei de tanta ansiedade. Antes das 7 horas eu me encontrava na escola.

O portão estava aberto. Entrei. Sentei em um banco no corredor, com a maleta ao meu lado. Alguns alunos começaram a chegar e nada da professora. Comecei a ficar apreensiva. Subi. Deixei a maleta encostada na parede. Ao lado de uma lixeira. Desci e fiquei observando. Quando o movimento começou a aumentar, encontrei uma servente e disse a ela que, caso visse a professora, era para dizer-lhe que eu estaria em frente à sala de aula. Eu estava tranquila. Pensei naquele momento em mudar um pouco meus planos. Ficaria em frente à sala com a maleta. Assim que subi, a professora chegou. Entramos na sala. Ela me entregou o cartaz. Pedi que eu o pendurasse em algum lugar da sala. Deixou o aparelho de som comigo. Saiu e trancou a sala. Rapidamente testei o CD que levava. Guardei-o no armário. Pendurei o cartaz em um prego que estava acima do quadro de escrever. Sentei no chão, ao fundo da sala. Logo me deitei, apoiando a cabeça na maleta. Olhei pra fora da janela. Gostei da sala. Arejada. Iluminada. Metade dela tem o pé direito alto. A sala é mais larga que comprida, fazendo com que os alunos fiquem mais próximos da professora. Olhei os cartazes de tabuada, de operações matemáticas. Saudades da minha quarta série. Saudades do cheiro da sala de aula. Tocou o sinal. Fiquei escutando as crianças lá fora, correndo, gritando. Pensamentos relâmpagos atravessavam minha mente gelavam meu estômago. Quem passaria por aquela porta? Qual seria a reação das crianças? Como iriam receber-me? Estava chegando o momento. A porta foi destrancada.

Ao entrar na sala de aula você me encontra lá no fundo. Quem é essa? O que está fazendo ali? Como conseguiu entrar antes de todos? Você lembra qual foi sua reação, ao me ver? Acho que alguns de seus colegas nem me viram. Outros, parece que fizeram de conta que não me viram. E alguns mais espontâneos me falaram: “Ei, o que você está fazendo aí?”; “Táis dóida? Sentada aí no chão”. Então a professora perguntou o que eu estava fazendo ali. E quando comecei a falar, você arregalou os olhos e me escutou atento: “Bom dia. Estou sem saber o que fazer. Encontrei essa mala e vim aqui”. Naquele momento fez-se um silêncio na

sala. Todos me escutando falar: “Eu precisei chegar muito cedo, muito mesmo. A porta estava aberta. Entrei. Sentei. Acho que dormi, pois tenho uma lembrança de ouvir um *ttec* na porta, acho que era alguém trancando. Bem, é o seguinte: Eu aluguei uma casa bem velhinha que estava há muitos anos fechada, lá no Pântano do Sul⁴⁰. Quando fui arrumar minhas coisas, encontrei essa mala velha e esse bilhete. Vou ler pra vocês:

“Você deve estar na manhã do dia 03 de dezembro, na escola Dilma Lucia dos Santos. Chegue bem cedo e procure a sala da quarta série. Leve essa mala com você: juntos saberão o que fazer”.



Você lembra que olhei para todos e perguntei: E aí? O que vamos fazer com esta mala? E todos vocês responderam empolgados: “Vamos abrir!!” O que você pensou que tinha na mala? Lembra? Então eu sugeri que afastássemos as mesas e cadeiras: assim ocupariamos a parte de trás da sala. Ficamos ao redor da mala. Tentamos abri-la algumas vezes. Conseguimos!

⁴⁰ Uma das praias do sul da Ilha de Santa Catarina e que fica próxima à escola.

Encontramos duas máquinas fotográficas, duas filmadoras, duas caixas e um CD, com a seguinte escrita: “Para escutar. Abraço da dona Generosa”. A professora pegou o aparelho de som. Colocamos o CD. Não me lembro do que mais lhe chamou atenção. Se você ficou mexendo nos equipamentos⁴¹, ou ouvindo a mensagem ou brincando com os colegas.

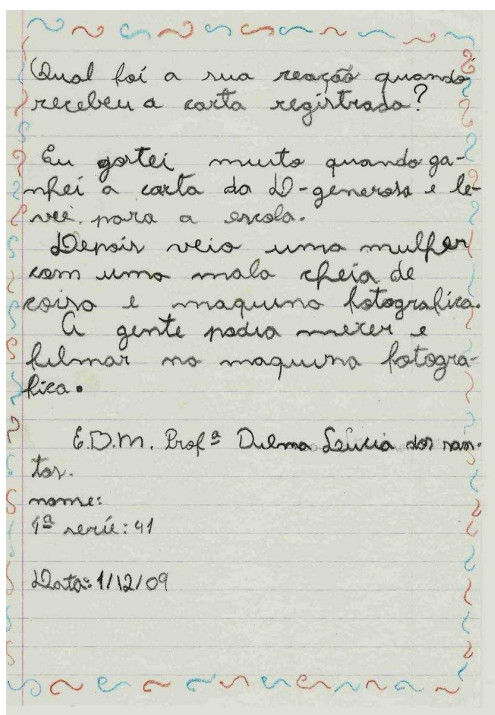


Você lembra da mensagem de dona Generosa?⁴² Depois de ouvi-la pela segunda vez, olhamos para as caixas com mais atenção. Tenho certeza de que você estava sentado em frente à maleta, curioso. Na primeira caixa encontramos artefatos para nos proteger-mos das bruxas e supostos utensílios utilizados por elas: sal, alho, uma cruz de madeira, espinho de laranjeira, uma pena, um peixe e uma ave de barro, uma semente, uma poção do bem e um pedaço de papel queimado e rasgado pela metade, que não conseguimos ler. Foi você quem tentou ler? Na outra caixa tinha repelente de insetos, um protetor solar e crachás. Achou logo o seu? Foi uma loucura, mas cada um ganhou um. Bem no fundo

⁴¹ Era esperado esse interesse pelos equipamentos, porém não me preocupei com esse detalhe de deixar as câmaras escondidas. Elas chamaram mais atenção que tudo o mais, principalmente para os meninos.

⁴² Se quiseres escutar a voz da dona Generosa, para a leitura por alguns instantes e acessa a faixa 1 do DVD que acompanha esta dissertação.

da maleta havia dois envelopes grandes. Um com cartas para os pais⁴³ e o outro estava vazio e já endereçado para dona Generosa, com um bilhete: “Assim que terminarem o passeio coloquem seus desenhos e escritos neste envelope, para que a professora possa colocá-lo no correio. Estou curiosa. Fico aguardando”. Nossa! Que missão importante recebemos! Você sentiu vontade de ir naquele momento mesmo para a Lagoa do Peri? Alguns de seus colegas queriam, só que a professora disse que só poderíamos ir na quinta-feira. Ah, que pena, tivemos que esperar dois dias ainda!



⁴³ Nesse dia foi entregue para cada pai uma carta, explicando o projeto e com um pedido de autorização para uso de imagem dos alunos e do material produzido por eles: o documento deveria ser preenchido pelos responsáveis pelos alunos. Todos os documentos estão arquivados e à disposição de interessados (Anexo VIII).



E. B. M. Prof.ª Dulma Lúcia dos Santos
 Data: 01/12/03 4ª série 41

Qual foi a sua quando recebeu a carta
 requirida?

O que eu entendi é que uma
 carta chegou em em minha casa. e eu
 abri. Havia um pedaço de papel, eu não
 sei o que era, os meus colegas também
 gostavam e queria saber.

Depois uma moça estava na sala
 quando nós chegamos.

Ela disse que na mensagem diz
 que vamos no Isaque do peni e será
 um mistério.

Saí da sala com uma sensação de “Ok, primeira etapa cumprida”, porém não estava satisfeita. Nem comigo, nem com a turma, nem com o trabalho. Não imaginava uma turma tão dispersa, parecia desinteressada. Acho que, como tudo foi diferente do que eu esperava me senti meio paralisada, apática, durante a atividade. Fiquei pensativa e meio abalada durante o resto do dia. Várias perguntas me seguiam: Será que estou fazendo a coisa certa? Quando eu falava sobre o projeto as pessoas ficavam encantadas, porém por que não tive a mesma sensação em relação aos alunos? A atividade mexeu com eles? Tocou-os de alguma forma? De que forma? Por que defendemos a diversidade, a identidade de cada um e na hora de trabalhar com os alunos nós os queremos todos iguais, calados e interessados? Isso é mais fácil? Estou arrependida? Eu deveria ter escondido na mala os equipamentos?

Ao baixar as fotos e imagens no computador fiquei a pensar ainda mais no assunto. Muitas delas refletem como foi o encontro: fotos dos próprios alunos, dos rostos, dos corpos, dos pés, imagens deles dançando. Desanimei. Como seriam então as imagens de campo? Será que eu estava no caminho certo? Qual seria a produção dos alunos?

3.6 Nossa trilha em movimento – a vídeo-gravação

Durante meu TCC foi possível experienciar a falta de um registro em movimento. O uso do gravador não marcou os olhares, os gestos, as caretas dos adultos e por mais que eu tentasse anotar suas reações o mais rapidamente possível, deixei escapar muitas cenas, sentimentos. Esse processo marcou meu primeiro recorte. Depois, com todas as falas transcritas na íntegra, foi necessário destacar algumas, para compor o corpo do texto: o segundo recorte. Esses momentos foram percebidos e interpretados somente por um olhar – o meu.

Fiz diferente, nesta pesquisa de mestrado. Optei por utilizar a vídeo-gravação. Foram as crianças que registraram os momentos, as atividades, os encontros e desencontros. Considero importantes as vantagens desse recurso.

Confesso que não sou maior conhecedora desse equipamento de gravação, não tinha referências de trabalhos de educação ambiental que

utilizam esse recurso e sentia algumas dúvidas quanto ao seu uso. Será que as crianças ficarão inibidas na presença da câmera⁴⁴? Será que o equipamento poderá distraí-las, a tal ponto de atrapalhar as atividades? Mas essas dúvidas se dissiparam quando fiz a atividade com elas, porque pude perceber que elas possuem uma capacidade incrível de fazer várias atividades e de prestar atenção em diversos acontecimentos que as cercam; além disso, foi-se o tempo em que uma câmara fotográfica ou uma filmadora tinha o poder de inibir as crianças. Esses equipamentos não são mais bichos-de-sete-cabeças, mas artefatos que povoam as casas dos mais humildes e fazem parte do cotidiano dos alunos. Eles já nasceram na “era-digital”.



Honorato et al (2006) alertam que são poucas as bibliografias que tratam sobre o uso da video-gravação nas pesquisas, principalmente nas que são realizadas *com* crianças.

O pesquisador Fábio Lessa Peres (2009) realizou sua pesquisa de mestrado em uma comunidade na Ilha de Santa Catarina. Seu objetivo foi demonstrar, por meio da produção de um vídeo *com* crianças (em que elas realizaram as filmagens), como a mídia-educação se transforma em uma possibilidade de construir novas práticas, que podem auxiliar na ressignificação de conteúdos sociais, históricos e culturais, por meio de um processo dialógico entre as gerações. Peres (2009, p. 12) acredita “*que os registros realizados pelas crianças são momentos de construção de significados*”. Apesar de utilizarmos o recurso de captação de imagens de maneiras diferentes, nos deparamos com questões semelhantes: as vantagens e riquezas para a

⁴⁴ Alguns recortes do primeiro encontro na sala, e de alguns alunos desinibidos você poderá ver na faixa 2 do DVD.

pesquisa e algumas limitações, como por exemplo, o desejo e a dificuldade em editar os vídeos com as crianças.

3.7 Definindo a trilha

A trilha escolhida para realizar parte das atividades com as crianças foi a Trilha do Saquinho. Curta, com grau de dificuldade de fácil a médio, recomendada para crianças, com vista para a Lagoa, bastante mata e o mais bacana: com resquícios de antigas casas e engenhos. Utilizei uma trilha autorizada, já instituída, já configurada para ser educativa, pelo Parque⁴⁵ e utilizada pelos próprios sujeitos do lugar; portanto, o traçado do caminho não foi inventado. O que inventei foram as formas de pisá-lo.

Percorri-a com o chefe do Parque. De todas as nossas conversas fiquei perplexa com uma em especial: o descaso e indiferença do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN⁴⁶ diante do patrimônio da Trilha do Saquinho. Ao longo dela existem resquícios de moradias e de engenhos: rochas enormes colocadas lado a lado e umas sob as outras. Segundo o chefe do Parque, já foi argumentado junto ao IPHAN sobre a importância de se preservar aquele patrimônio, mas a principal resposta apresentada pelo órgão é que isso não é interessante, pois não se encontra no centro urbano e antigo da cidade. Enfim, o IPHAN não vê vantagem em promover a preservação dessa espécie de patrimônio localizada em ambientes “naturais”, como a área da Lagoa do Peri. Por outro lado, o Parque tem interesse na preservação, porém, para isso não pode fazê-lo, pois necessita do apoio do IPHAN. Resumindo: as ruínas serão perdidas pelo simples descaso com um patrimônio cultural, ambiental e histórico. Decidi registrar essa

⁴⁵ As atividades de educação ambiental do Parque são realizadas por dois estagiários da Floram (Fundação Municipal de Meio Ambiente). Nas trilhas os temas abordados são: apresentação, história e importância do parque, vegetação exótica e nativa, fauna, importância da água da lagoa para o abastecimento. Nos encontros com graduandos, há debates sobre a falta de estrutura da Floram e as condições de trabalho no Parque.

⁴⁶ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, cuja missão é promover e coordenar o processo de preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro para fortalecer identidades, garantir o direito a memória desse patrimônio e contribuir para o desenvolvimento socioeconômico do País. (www.iphan.gov.br)

conversa para mostrar/exemplificar meu interesse em agregar elementos do que se configuraria como “natureza” com as marcações humanas em ruínas.



3.8 Nossas trilhas, nossos encontros – A Trilha do Saquinho

É hoje!!! Chegou o dia!!! Você lembra que apareci na sala com as câmaras, os crachás, o repelente de insetos e o protetor solar? Quería ter uma conversa antes de sairmos. Lembro muito bem minhas palavras: “Preciso ter uma conversa mais séria com vocês. Este trabalho que nós estamos fazendo, vocês sabem, é minha pesquisa de mestrado⁴⁷ que estou desenvolvendo lá na Universidade. Vocês levaram para os seus pais uma cartinha explicando o projeto. Quando pensei em fazer uma pesquisa, pensei em fazer com outras pessoas. O que quero dizer é que vocês estão tendo uma oportunidade de experimentarem como é ser um pesquisador. Nenhum outro aluno desta escola vai passar por esta experiência pela qual vocês estão passando. Minha sugestão é que vocês aproveitem ao máximo, para que as nossas lembranças deste dia sejam boas. Evitem ficar fazendo muita bagunça. Vamos

⁴⁷ Muitos demonstraram familiaridade com o termo; citando alguém conhecido que estuda na Universidade (a mãe, a tia, a vizinha). Inclusive comentaram sobre algumas pesquisas de mestrado e doutorado dessas respectivas pessoas.

combinar o seguinte: quem perturbar os colegas e atrapalhar nossa pesquisa será convidado a se retirar da trilha. Vai esperar o grupo lá no início. Lembrem-se de que as máquinas são para registrar a pesquisa. A dona Generosa está aguardando nossas cartas". Falei sério, não foi?

E lá fomos nós, comportados para o micro-ônibus⁴⁸. Você logo percebeu a mulher estranha sentada lá dentro? Não era da escola e nem da vizinhança. Estranho. E quando ela se levantou e perguntou aonde estávamos indo, o que você pensou? Mesmo duvidando da moça, respondemos em alto e bom tom: "Para a Lagoa do Peri". E então ela quis saber o faríamos lá. Ai, ai, ai, você sentiu medo? Se estávamos ou não com medo, respondemos juntos: "Vamos fazer uma pesquisa!" E aí veio a surpresa. A moça disse que tinha algo em sua bolsa que poderia nos ajudar! Achei isso o máximo, e você? Ela foi tirando um chapéu, um pano, uma corneta. Não, não, nada disso nos ajudaria. Então pegou umas antenas. Disse que quem as usasse iria captar melhor os sons dos seres fantásticos que habitam o Parque da Lagoa do Peri. Distribuíu para cada um de nós. Sei lá se iria captar melhor os sons, sei que a viagem ficou muito mais divertida. Foi bonito ver aquelas antenas se agitando com o vento.

⁴⁸ Veja as cenas desse momento na faixa 3 do DVD.



Chegamos. Encontramos mais uma pessoa: a monitora do Parque. Disse que nos acompanharia na trilha.

E começamos a subir. Logo nos deparamos com uma vista linda da Lagoa. Paramos para observar. E nessa paisagem havia duas pessoas, você lembra? Uma repórter e um operador de câmara. Ela estava de costas para a Lagoa, com um gravador na mão. Assim que nos viu, a moça da televisão queria saber: quem éramos, de qual escola, o que estávamos fazendo ali, por que estávamos usando as antenas e, finalmente, perguntou se

poderiam fazer algumas imagens e acompanhar o nosso grupo. As perguntas foram todas respondidas. Você também ficou desconfiado? Depois eles explicaram que estavam fazendo uma matéria para a TV UFSC, sobre a Lagoa do Peri, e que ela ficaria muito mais interessante se aparecêssemos na matéria. Todos vocês adoraram a ideia e permitiram sermos filmados.



Finalmente começamos a percorrer a trilha. Muitos de nós já a conhecíamos, porém estávamos com uma missão especial naquele dia. Não iríamos percorrer para aprender sobre fauna, flora, água. Estávamos fazendo uma pesquisa sobre os seres fantásticos. E a turma estava animada. Uns conversavam, outros filmavam, outros fotografavam. Uns cuidavam para que todos usassem os equipamentos. Foi para você que entreguei minha máquina fotográfica, pois a outra estava com cartão cheio? Para mim não foi nenhum problema emprestar, até porque percebi que vocês estavam muito cuidadosos com todas as máquinas. Estava complicado prestar atenção no caminho, em vocês, responder às perguntas, conversar e ainda fazer os registros. Tinha certeza que vocês iriam aproveitar mais que eu. E o pedaço de papel que estava pendurado naquela imensa e frondosa árvore? Vou confessar só para você: eu não havia visto. Foram vocês que acharam. Parecia ser o complemento daquele pedaço que estava

na caixa. Tentamos ler. Impossível, de novo! E, para dificultar ainda mais, esquecemos a outra metade na sala. Você era um dos que estavam impacientes? Lembro de ter respondido algumas vezes: “A caminhada dura uns 30 minutos. Vamos até onde era a casa da dona Generosa. Vamos fazer a pesquisa que ela pediu. Será que vamos encontrar algo dos seres fantásticos?”

Você concorda que a sensação do trajeto foram as câmaras? Lembra se filmou mais a Lagoa, a mata ou os colegas? Eu ouvi um pouco de tudo. Uma colega que não achava interessante filmar “esse mato todo”; outro colega, ao contrário, só queria paisagens, sem as pessoas. Fiquei pensando um pouco sobre isso. O que desperta o interesse dessa aluna, para registrar algo? “Esse mato” é sempre e todo igual? Sem misturas de formas, cores e texturas? E como o aluno vê a Lagoa do Peri? Mais bonita, mais interessante sem as pessoas? O que você acha?



Fiquei muito feliz ao perceber que a turma toda estava atenta durante o trajeto, prestando atenção ao que via, pois poderia encontrar algo interessante para contar à dona Generosa. Lembro que foi encontrada uma ferramenta enferrujada, um galho no meio do caminho, um tronco sinalizado. Como e por que esses materiais estavam ali? E foram vocês que perceberam as primeiras ruínas ao longo do caminho.



Quando nos aproximamos das ruínas da casa de dona Generosa, estávamos todos juntos. Imagina: era ali que ela vivia! Será que a casa tinha uma varanda? O espaço ocupado pelas árvores, que hoje estão ali, antes era o quintal dela, talvez com algumas galinhas ciscando o chão. Era ali que dona Generosa estendia suas roupas no varal⁴⁹?

E dali seguimos para lanchar. Tenho certeza de que vocês estavam ansiosos por aquele momento. Porém, antes do lanche, algo aconteceu. Que mulher é aquela que surge por detrás das árvores? Ahahahahahahahahahahahah! as meninas gritam. Quem é ela? Ficamos curiosos, desconfiados. Aparenta ser uma senhora de idade: tem alguns fios de cabelos brancos, anda curvada, com ajuda de um cajado. O que ela quer? Ei, espera, não empurra!! A

⁴⁹ A faixa 3 do DVD ilustra um pouco essa caminhada na trilha até a “casa de dona Generosa”.

senhora fixa seus olhos esbugalhados em nós e dispara algumas perguntas: Quem são vocês? O que estão fazendo aqui? Logo ela percebeu que era por nós que esperava. Dona Generosa pediu que sua amiga Passa nos acolhesse naquele imenso bambuzal, na beira da lagoa. E que aconchegante estava ali. Aquele fogo de chão, aquecendo a panela de barro. O que tinha lá dentro? E todas aquelas canecas penduradas em um galho, será que iríamos beber algo? Fomos nos acomodando no chão, enquanto dona Passa contava um pouco da sua história e alguns contos tradicionais⁵⁰. Não sei se você percebeu que as máquinas pararam de circular de mão em mão. Talvez naquele momento dona Passa estivesse mais interessante que os equipamentos. Estavam todos os olhos, os corpos e os ouvidos voltados para dona Passa. Achei ela um pouco ranzinza, e você?



⁵⁰ Fox e Girardello (1999, p. 85) utilizam o termo “contos tradicionais quando estão ligados à cultura ou às culturas das crianças ouvintes”. E afirmam que esses mesmos contos “podem dar às crianças um sentido mais forte de suas próprias raízes culturais” (idem, p. 88).

Além de contar, ela quis nos ouvir também. Lembra que ela perguntou várias vezes se alguém tinha alguma história para contar? Como somos envergonhados! Até eu fiquei sem jeito. Quem sabia não contou. E daí não é história. Como disse dona Passa, “A história só é história quando é contada. Se não é contada, não é história”. Quem chamou a atenção foi aquele menino que estava sentado ao lado da mulher. Estava atento, respondendo às perguntas.

Depois de muita conversa, dona Passa nos ofereceu o chá. Você tomou? Sei que alguns gostaram, outros não. A professora achou delicioso e queria a receita. Será que, se fizermos em casa, fica igual? Sei não, aquele parecia especial, preparado na panela de barro, servido nas canecas de barro, embaixo do bambuzal, ouvindo as histórias de dona Passa. Para mim esse chá será único.

Para acompanhar o chá, dona Passa nos ofereceu o beiju⁵¹. Esse você experimentou? Já conhecia? Nem toda a turma conhecia, não é mesmo? Agradou mais que o chá. Interessante ver as caras e bocas de todos ao experimentarem algo novo. Papo vai, papo vem, e eis que um dos meninos levou um baita susto. Imagina, ele disse que viu um vulto, mediano e alaranjado, passando rapidamente sob a água? Acho que ficou com medo. Rezamos para nos proteger e cantamos até a música da Ratoeira, para ver se alguém via outro vulto. E então vieram as revelações. Vulto de gente ou vulto de lambisomen? Uns o viram na venda, outros na vizinhança, outros na trilha mesmo, dia desses.

E do bolo de milho, você gostou? Hummmm, estava uma delícia! Parecia que derretia na boca. Dona Passa disse que foi

⁵¹ Um quitute, geralmente à base de farinha de mandioca, tradicional na Ilha de Santa Catarina.

preparado com muito carinho, pela dona Generosa, e que o bolo iria ajudar-nos a lembrar histórias e a contá-las. Sabe que para mim ele fez efeito? Fez, sim.



Começam os resmungos. Dona Passa chamou todos para se despedir. Entre beijos e abraços ela nos lembrou que dona Generosa aguardava o escrito de cada um⁵².

A trilha era a mesma. E nós, será que éramos os mesmos? Eu vi corpos andando com jeito diferente. Você era um daqueles que estava com medo? Ou daqueles que viu os vultos branco, preto? Você ouviu o som que veio da mata? Ficou arrepiado? Assustado? Com medo? Nos transformamos, você não acha?



⁵² Veja na faixa 5 do DVD como foi esse encontro com dona Passa.



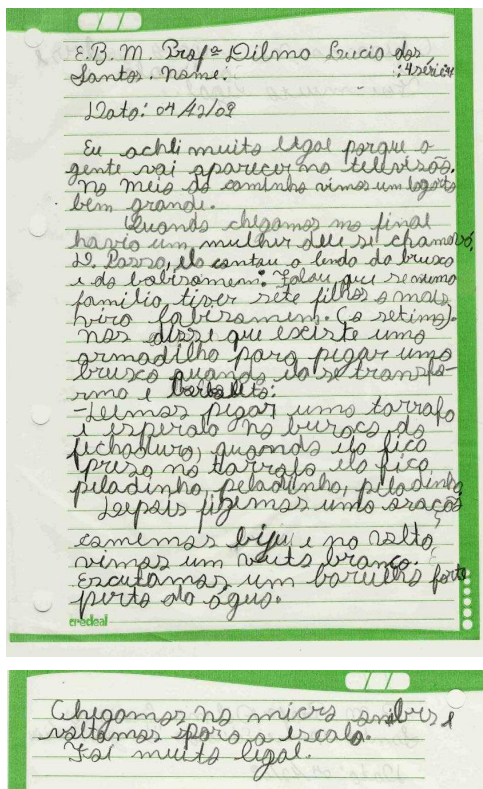
3.9 Nossas trilhas, nossos encontros – Alunos desinibidos contam histórias

Em casa, olhando as fotos e as imagens, me vi pensando nas perguntas quanto ao comportamento dos alunos em relação às câmaras e quanto à influência dos equipamentos com o trabalho. Pensando em tudo, e vendo as imagens, não pude perceber comportamentos reprimidos pelo fato de as crianças estarem sendo filmadas. Em algum momento ou outro isso pode ter acontecido. A verdade é que a vontade de aparecer para o outro foi maior do que a vergonha. Isso podemos perceber pelas fotos das meninas e dos meninos. As poses, os sorrisos, as caretas. Posso dizer que realmente os equipamentos distraíram as crianças sim. Algumas vezes. Se pararmos para pensar que duas câmaras fotográficas e duas filmadoras estavam à disposição dos alunos e alunas, para filmarem e registrarem o lhes fosse interessante, não é difícil imaginá-los excitados, andando de lá pra cá, mostrando-se, posando, brigando por um minuto a mais frente às câmaras e dando gargalhadas de felicidade. Em resumo, não deixaria de ter utilizado o equipamento. O resultado do uso das filmadoras foi muito mais significativo do que a falta de atenção dos

alunos em algum momento da atividade. A questão é que eles ficaram muito à vontade para capturarem o que lhes chamava a atenção, o que lhes tocava. Em nenhum momento eu direcionava os focos dos equipamentos. Se isso está certo ou não, eu não sei. Foi esse o acontecimento.

Depois de alguns dias, voltei para encontrá-los, lembra? Já nos conhecíamos, então foi mais fácil. Queria saber como estavam, o que acharam do nosso passeio, se ficaram com alguma dúvida sobre o que aconteceu, se tinham algo mais para dizer. Pelo jeito ficaram pensando no que aconteceu, pois fiquei atordoada com tantas perguntas: Por que a dona Generosa não apareceu? Como parte da oração foi parar na árvore? A algumas consegui responder, em relação a outras fiquei como vocês, sem saber ao certo a resposta. E então vocês começaram a contar histórias sobre bruxas e lobisomens. Estavam menos tímidos, isso foi bom. Alguns contaram praticamente a mesma história, aquela em que aparece um fio de lã da saia da esposa entre os dentes do marido e ela então descobre que ele é o lãbosome. Depois outro aluno contou uma história, lá na frente da sala. Pensei que o único que iria contar alguma história era aquele menino que estava ao lado de dona Passa. Porém, acredite ou não, nesse dia era ele que estava tímido⁵³! Vou contar-lhe um segredo: naquele dia, depois que saí da sala, passei na coordenação e peguei todas as cartas e desenhos que vocês fizeram para dona Generosa. Não aguentei de curiosidade. Precisava ver aquilo antes dela!

⁵³ Esse encontro não foi fotografado, somente filmado por mim. A faixa 6 do DVD mostra algumas cenas dele.



3.10 Nossas trilhas, nossos encontros – A forma devolutiva

No início de 2010 levei para os alunos todas as fotos e alguns vídeos para que eles pudessem ver o que produziram, para selecionarmos as fotos e me ajudarem a editar os vídeos. É a *forma de devolutiva* apresentada no artigo de Aurélia Honorato et al (2006), “*possibilitando uma ressignificação de papéis e marcando a coautoria das crianças*”. A pesquisadora Maria do Carmo Galiazzi (et al, 2008, p. 182) argumenta que a autoria (marca do pesquisador) “*também pode referir-se aos participantes, chamando-se de autoria participante aquela na qual se retorna a esses participantes para que possam verificar se os textos os retratam da forma como desejariam e se conseguem reconhecer-se neles*”.

Imaginava que seria preciso marcar vários encontros com os alunos, para darmos conta da tarefa. Como fazer um trabalho de edição com várias crianças na mesma sala?

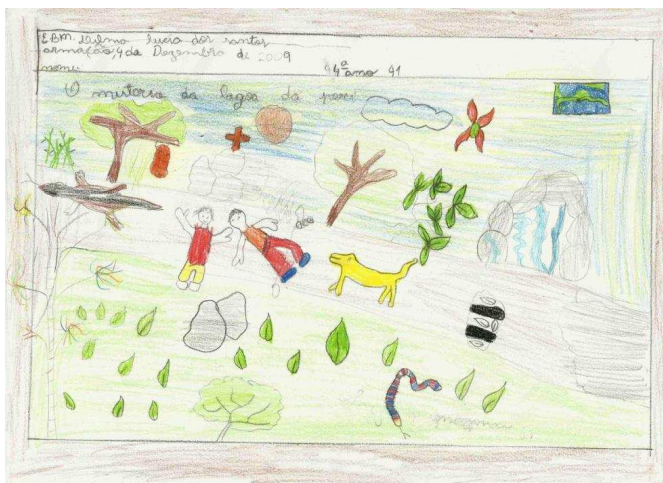
*E então, você se lembra desse dia? Vocês, como autores e autoras de todo o material, apontaram o que acharam interessante. Selecionaram as fotos. Uma por uma, gritando “Deixa”, “Tira”. Funcionou. Só tivemos que impor uma regra: quando aparecia um(a) colega em destaque na foto, cabia a ele(a) dizer se aceitava deixar a fotografia ou não. Às vezes, a foto era bonita e a pessoa fotografada dizia “Tira” e, juntos, acabamos convencendo-a para que a foto ficasse. Penso que vocês fizeram um bom trabalho. As fotos *dêletadas* foram as que estavam fora de foco, tremidas, mexidas, mal enquadradas. Destas ainda ficaram algumas e, muitas da dona Passa. Vocês já estavam cansados? Ou gostaram tanto dela que não conseguiram “*dêletá-la*”? E as fotos em que a professora aparece, que dificuldade para dizer “Tira”! Vocês gostam dela, não é mesmo? Achei interessante quando uma colega disse para deixar todas as fotos de mato e lagoa. Perguntei por que e ela respondeu, rapidamente: “Porque essas fotos mostram sobre o trabalho!” Você concorda?*

*E dos vídeos, gostou? O que achou daqueles em que a imagem fica indecifrável, só com as falas ao fundo? Vocês acharam engraçado e queriam *dêletar* todos. E eu achei todos lindos. Será que esqueceram a câmara ligada, sem querer? Sobre os outros vídeos que vimos juntos conseguimos discutir o processo de edição. Algumas partes, em que as imagens passam de uma cena a outra muito rapidamente, poderiam ser cortadas. Sentí que vocês*

confiam no meu trabalho e que não precisaríamos fazer juntos a edição completa de cada um dos vídeos. As cenas que vocês pediram para deixar estão aí. Escolhi aquelas para as quais, vocês me deram carta branca. Editar vídeo não é tarefa fácil para fazer com vocês. Primeiramente, porque para conseguir tempo livre com os professores, é complicado; segundo, porque é um processo demorado, que exige dedicação, disposição, foco e concentração. São pequenas coisas que, nessa fase da vida, em que os hormônios borbulham, é difícil ter de vocês. Olhe, preciso dizer que esse encontro foi o mais difícil para mim. Pensar que o único vídeo em que vocês interagiram, mesmo, em que ficaram atentos, em que riram e gritaram foi aquele em que os meninos aparecem dançando como Michael Jackson. Não senti como um problema e sim uma dificuldade, um despreparo em realizar a atividade com vocês. Não é tarefa fácil editar vídeos com crianças. Como vocês gostaram da câmara, não é mesmo? Estávamos nos despedindo e vocês pedindo para filmar, dançando e fazendo gracinhas para aparecer. Penso que esse encontro foi essencial para finalizar nosso processo, pelo menos por enquanto. Acho que foi importante para vocês se verem, avaliarem como filmaram e fotografaram. Foi bacana para mim; e para vocês?

Mesmo passados alguns meses da nossa ida à Lagoa do Peri, a curiosidade ainda estava no ar. Foi você que perguntou quem era a dona Generosa? Se era a dona Passa? Ou a mulher do ônibus? E de como apareceu a maleta? Eu tentava responder o que sabia e, o que não sabia continuava mistério⁵⁴....

⁵⁴ Esse último encontro também foi só filmado (por Paula Barcelos). Algumas cenas estão na faixa 7 do DVD.



Assumo, como silêncio, o que é esquecido nas trilhas interpretativas de educação ambiental. Não como intenção. Esquecido, porque simplesmente não é lembrado e por isso é silenciado. Como a brincadeira, a imaginação, o faz-de-conta. E os silêncios acontecem não só nas trilhas. Valdo Barcelos (2006, p.9) afirma que seu livro (In)visível Cotidiano “*é uma maneira de dar voz aos silêncios que constituíram os textos que nele estão reunidos*”.

Há também os silêncios que são propositalmente silenciados. Uma das pesquisas de Lucia Guido (2006) tem por objetivo analisar como a televisão, em especial o programa Repórter Eco, apresenta a questão ambiental. Há uma reportagem, que trata de Desenvolvimento Sustentável, realizada no cerrado, em Goiás, em que falas, imagens e argumentos são ajustados de modo que a mensagem desejada pela equipe da reportagem chegue ao telespectador. Para isso, algumas informações “precisam” ser silenciadas: “*A reportagem, no entanto, não fez menção às dificuldades enfrentadas pela comunidade na incorporação das novas atividades [...] Tais questões são apagadas para mostrar os aspectos do desenvolvimento sustentável, considerando os valores sociais, econômicos e ambientais dos produtos obtidos a partir do manejo sustentável*” (idem, p. 11).

Em um dos fragmentos do mesmo livro de Barcelos (2006), citado acima, o autor comenta sobre as guerras e algumas possibilidades de lidarmos com

ela; afirma que é muito difícil o ser humano mudar: “Quando muito, silenciaremos em nós e, por algum tempo, certas características que julgamos indesejáveis” (idem, p. 114). Silenciamos para os outros e para nós mesmos?

Em seu artigo *Onde sonham as formigas verdes: sonho, silêncio, vazio*, a pesquisadora Ana Maria Hoepers Preve (2010) discute o filme *Onde sonham as formigas verdes*, de Werner Herzog, e tece fios com a educação ambiental. Um desses fios é o silêncio. O silêncio dos aborígenes frente ao avanço da companhia de urânio é de revolta e não de aceitação. “*Silêncio desconhecido dos consumidores de produtos ecologicamente corretos e dos donos de discursos coerentes. Portanto, não se trata de um silêncio que nega, mas que se afirma naquilo que enfrenta*” (idem, p. 68).

O silêncio, como nos lembra Ana Godoy (2008, p. 203), “*simultaneamente, é abertura para o mundo e afirmação da não reconciliação e, portanto, da divergência e da dissonância como adesão à vida, como experiência da Terra*”. Penso que dona Generosa permitiu uma “abertura para o mundo”, sem buscar nenhuma “reconciliação” e, sim, para “aderir à vida”, com suas divergências e dissonâncias.

Estranho pensar na importância de um silêncio. De uma pausa. Na maioria dos espaços somos invadidos por informação, falas, escritos. Como vamos nos acostumando com isso e achando “normal”! Preve e Corrêa (2007, p. 219) questionam se a educação ambiental não está produzindo um mundo na medida da disponibilidade de informação, cujo pensamento produz a ordem do vivido como puro delírio dependente apenas da informação. *O barulho da informação impede que o silêncio se mostre. Numa trilha ecológica, por exemplo, o que menos se faz é a escuta do lugar. [...] nada mais nos acontece e, no entanto não estamos numa sala de aula e tudo ali poderia acontecer*” (PREVE, 2010, p. 74).

As trilhas que normalmente fazemos, chamadas de educação ambiental, não nos estimulam olhar além do que nos é mostrado. Quem aponta, direciona e seleciona o que será apreciado, apreendido, tocado é o/a monitor/a dessa trilha. Não precisamos descobrir nada. Nem parar para ouvir os silêncios - tal qual como mencionei no Capítulo I.

Silêncios, segundo Guimarães Rosa, ainda citando Ana Godoy (2008, p. 203), são “cheios de outras músicas, potências de regiões ainda por vir, que, com seus abruptos florescimentos, desenham ilhas sem lugar.”



Silêncio que aceita. Que revolta. Que nega.
Silêncio é sossego. E desassossego também.
Silêncio é força.

Shshshshshshshshshshshs
Shshshshshshshshshshshs

Silêncio tem outros sons.
Silêncio é possibilidade.
O que é que o silêncio tem?

4.2 Brincando de imaginar

Posso dizer que brincar, na educação ambiental, em uma trilha interpretativa é bastante incomum. É um dos seus silêncios. Então vamos pesquisar de brincar? Será que dá certo? Qual a receita para isso? Hummmm...Deixa-me ver, talvez com um pouquinho de faz-de-conta, algumas pitadas de mistério e de recheio da mais pura imaginação!

Valdo Barcelos (2008, p. 108) ressalta a necessidade de arriscarmos, de estarmos abertos à criação, à invenção, sempre que pensarmos e planejarmos nossas alternativas metodológicas de educação ambiental. Afirma ele (idem, p. 114): *“Que a idéia de criação, invenção, experiência, experimentação e de movimento constante [...] sirvam como inspiração para a construção de nossas alternativas metodológicas e pedagógicas de trabalho em educação em geral e em educação ambiental em particular. Vida longa à invenção e à educação ambiental”*.

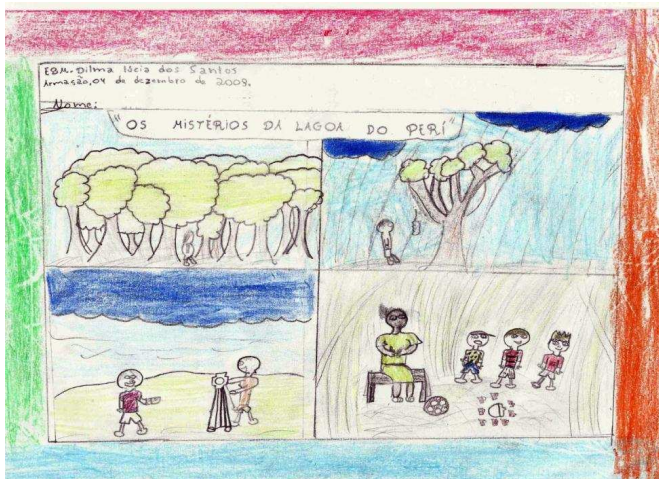


Pensa, pensa, pensa. Você consegue imaginar uma história bacana. Tenta, só um pouquinho! Precisei ouvir isso de mim mesma mais de uma vez. E acreditar que nós, adultos, somos imaginativos, sim. E muito. Pense nos adultos que criam filmes, livros, desenhos geniais, fascinantes, malucos. Nós, adultos, precisamos é dispor de mais tempo para imaginar. *“[...] as crianças em geral têm mais tempo de lazer e permissão social para ficar em silêncio, [...] aspectos favoráveis à imaginação”* (BRANN *apud* GIRARDELLO, 2006, p. 55).

O silêncio.

E o tempo.

Gilka Girardello (2008, p. 130) identifica “o contato com a natureza, a vivência artística, a mediação adulta, o tempo livre para a brincadeira e o estímulo narrativo como condições favoráveis ao desenvolvimento da imaginação⁵⁵”. Vejamos se dona Generosa conseguiu abordar mais de uma dessas condições: a trilha no Parque (contato com natureza), as falas, as fotos, os vídeos, os desenhos, os textos (vivência artística), o planejamento e acompanhamento das atividades (a mediação adulta) e dona Generosa pedindo desenhos e escritos (o estímulo narrativo). Sim. Sim. Sim! Foi possível!



E por que acredito que a imaginação seja importante para ser incorporada nas atividades de educação ambiental?

????????????????????

????????????????????

????????????????????

⁵⁵ Considero aqui a imaginação como “espaço de invenção e exercício de possibilidades” (GIRARDELLO, 2008, p. 130).

Quem sabe, por que ela permite outras formas de ver, narrar e sentir um lugar? Possibilita a abertura para aprendizados outros? É um espaço de reviver memórias e reinventá-las? Uma possibilidade de valorizar algumas práticas culturais? Um espaço para que cada um possa criar (muitas) imagens particulares e subjetivas? Talvez possa dizer *sim* para todas essas perguntas.

A imaginação não é importante somente para a educação ambiental. Ela é simplesmente uma condição de existência, nossa forma natural de conhecer e de existir. Precisamos imaginar, para aprender algo significativamente. Precisamos imaginar, para conhecer. Como criar formas geométricas, cálculos, metodologias, tecnologias, senão imaginando? Por que não provocar e estimular em nossas crianças essa forma de conhecer? Por que separar a razão da imaginação? *Por quê????????????????????????????*

“As vivências imaginativas da infância têm um papel crucial no desenvolvimento psíquico, o que nos impõem responsabilidades como adultos” (GIRARDELLO, 2006, p. 59).

A maioria das atividades de educação ambiental feitas nas trilhas interpretativas repassam a informação, o conhecimento, as imagens do lugar sob um recorte, uma percepção. Dessa forma, não somos estimulados a sonhar, a falar, a imaginar. E somos, muitas vezes, “cobrados” a mudar nosso comportamento (para “agir de forma ecologicamente correta”). Provocar a imaginação, nesses espaços que são as trilhas, penso que, além de ser uma experiência para tornar os conhecimentos significativos, permite o surgimento de novas idéias, pensamentos e imagens.

“Imaginar é ausentar-se, é lançar-se a uma vida nova” (BACHELARD, 1994, p. 3). Quantas novas vidas podem ser lançadas nas trilhas de educação ambiental (e não só)!

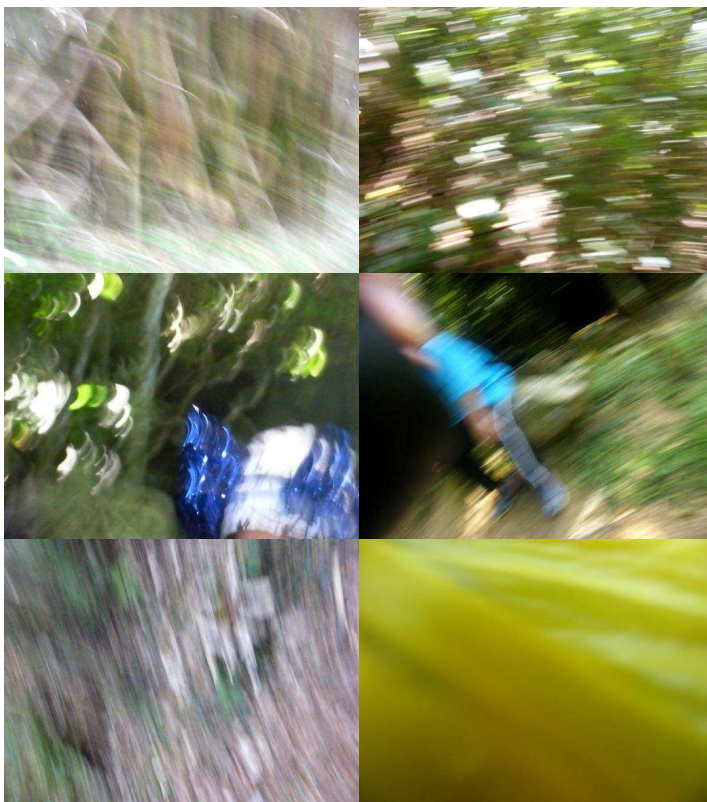


Inventar a imaginação.
Imaginar a invenção.
Imaginar é.....
Conhecer. Aprender.
Uma delirante razão
De ser.

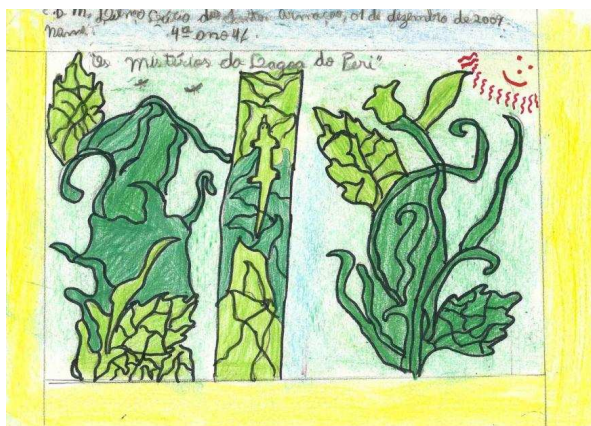
4.3 Que lugar é esse?

Depois de todo o acontecimento na Lagoa do Peri, para mim e para as crianças ela agora é um lugar outro. Mas que lugar é esse de que estou falando? Não mais o lugar para se ensinar apenas sobre os seres vivos. Nem sobre a água, a terra, o ar. Extravasamos esses limites que provocaram nas crianças, e em mim, outros modos de relação: produziram efeitos, experiências múltiplas.

Então, que lugar é esse?⁵⁶ Você sabe me dizer?



⁵⁶ Nesse momento é importante que você interrompa a leitura e assista à faixa 8 do DVD.



Eu conhecia esse lugar. Achava que sim.

Agora vejo mais.

Vejo além. Vejo azul.

Além daquela mata.

Vejo o lagarto.

Ele está ali por quê?

Será mais um mistério de dona Generosa?

Foi uma brincadeira de faz-de-conta.

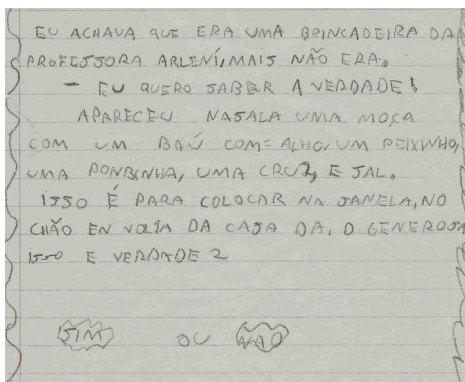
Com mistérios. Mistério.

Tudo começa e termina nessa atmosfera de mistério.

E isso nos estimulou a pesquisar. E a querer saber.

Final de contas, quem é dona Generosa?

Precisamos descobrir a verdade! Qual verdade?



O mistério ajudou para que as crianças chegassem à trilha instigadas e disponíveis para descobertas. Era a missão delas. Precisavam ser corajosas, desbravadoras, pesquisadoras. Gilka Girardello (2008, p. 142) acredita que: *“Professoras e crianças entregando-se ao jogo narrativo no âmbito da educação, ampliam um espaço simbólico comum, pleno de imagens e das reverberações corporais e culturais de suas vozes”*.

O mistério como um fio.

Que aos poucos foi nos enrolando.

Nos unindo.

Nos enozando.

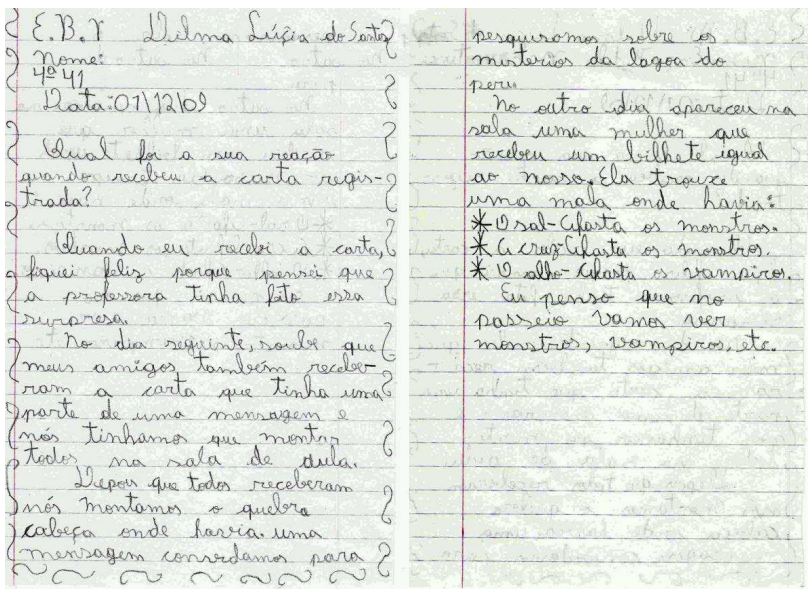
Ficamos envolvidos.

Amarrados.

Interessados.

Um segredo.

Incompreensível, segredo.



Girardello (2003b, p. 7) nos afirma:

“o impulso para acompanhar uma história surge da vontade de saber o que virá depois. Esse impulso aproxima conceitualmente a narrativa da imaginação, já que esta era desde Aristóteles entendida como um movimento psíquico ligado ao desejo, particularmente ao desejo de conhecimento [...] A criança quer saber de tudo o que está envolvido na performance do adulto que lhe canta uma cantiga ou conta uma história [...] E à medida que sua capacidade linguística vai se sofisticando, vai ficando curiosa para saber que surpresa lhe reserva o enredo [...]”.

Penso que dona Generosa provocou essa “vontade de saber o que virá depois”, em toda sua história, provocando o suspense ao enviar as correspondências. Ao terem a mensagem revelada, as crianças ficaram na expectativa do que aconteceria depois. Quando nos encontramos, queriam muito ir à Lagoa do Peri. Finalmente, mesmo depois de terem enviado os “seus relatórios” para dona Generosa, não descobriram o “final” da história. Permaneceram curiosos.

As palavras do pesquisador Antonio Carlos Amorim (2007, p. 3) expressam a ideia de como um evento nos “toca” de modos diferentes: “*Um mesmo acontecimento envolvendo diferentes pessoas, com certeza registra em cada uma delas uma marca diferente. A percepção das coisas e dos fatos é algo pessoal, assim como a memória que se faz disso. Algo incompartilhável*”. Experimentamos a mesma história e compartilhamos sensações que cada um vivenciou de um modo diferente. Algumas dessas sensações podem ser percebidas nas falas, nos escritos, nos desenhos e nas imagens que reunimos depois do passeio; outras ficarão guardadas em cada um de nós.

Qual foi a sua reação quando recebeu a carta registrada?

Eu achei essa carta que a D. Generosa mandou para a gente muito estranha.

Sem mais, nem menos, apareceu uma carta em minha casa e para a gente. E hoje dia 01/12/09, apareceu uma mulher com o nome de Gláucia, ela trouxe um bau com objetos da dona Generosa.

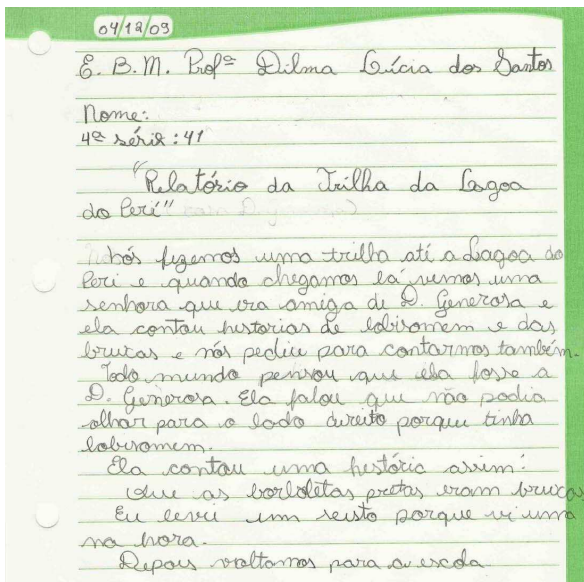
E nessa carta que a gente recebeu tinha um bilhete contando uma parte da mensagem com um bilhete para que a gente se

reunir para pesquisar sobre a Lagoa do Peri para que no dia 03/12/09 a gente possa descobrir esse mistério.

Eu estou adorando esse mistério.

Mesmo sabendo que nossa atividade era parte de uma pesquisa de mestrado, as crianças topavam brincar. E a cada estalar de dedos transitavam livremente da brincadeira de faz-de-conta para a realidade, com muita facilidade! Esse ir e vir me confortava. Elas sabiam que não estavam sendo enganadas, sabiam que era uma pesquisa e, ao mesmo tempo, queriam brincar e escolheram permanecer na brincadeira. Do início ao fim. Teve fim? Nos divertimos. Godoy (2008, p. 180) afirma: “*o sentido etimológico da diversão – pressuposto do jogo como invenção lúdica – é o desvio.*”

Foi divertido. Só que ainda não sabemos quem é dona Generosa!



Que lugar é esse que produziu tantas fotos, tantos vídeos, desenhos, escritos, falas? Como passar para o papel os movimentos, as vozes, os cheiros? Difícil. Difícil.

Para Amorim (2007), *é preciso manter a vontade, a capacidade de deslizar sobre a imagem, e com ela, colocar o pensamento em movimento, estabelecendo uma política de superfície.*

Como representar o som no papel?

Como representar a imagem na escrita?

Palavra, fala, vida?

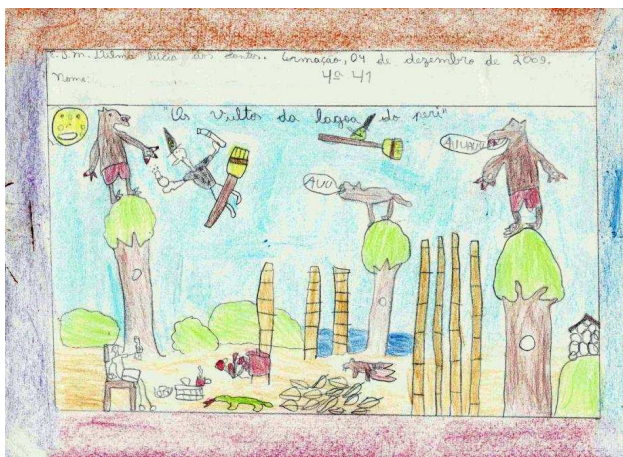
Não há medida.

O tempo, o som, a fala.

A vida

Não se cristaliza.

(ZANFELICE, 2009 p. 7)



Eu vi um vulto.

Um vulto eu vi.

Passou. Rápido.

Sem deixar rastros.

Nenhuma pista.

Eu vi. Um vulto. Eu vi.

4.4 Click. Pausa. Click. Click. Click.

Dois autores vêem a fotografia como encontro: Naves (2008, p. 60) a apresenta como “*momento de encontro – o ideal do amador, como se aquele instante correspondesse a um encontro amoroso -, um momento em que o visto e o vidente se deixam permear, sem que nenhum se imponha ao outro*”. Sem contradizer essa posição, somente para complementá-la cito Alik Wunder (2006, p. 9), que afirma: “*uma fotografia é resultado de um bom e fugaz encontro, previsto ou inesperado, mas também de uma busca, de uma intenção que possibilita ver coisas que poderiam passar despercebidas*”.

Fotos. Fotos e mais fotos. De pés. De sorrisos. De chão. De folhas. De água. De abraços. De olhares. De troncos. De cores. De objetos. De animais.

Fotos bem focadas. Desfocadas. Enquadradas. Deslocadas. Repetidas. Sucessivas. Escuras. Iluminadas. Cheias. Vazias. Coloridas. Tremidas.

As mãozinhas seguravam firme o equipamento que estava à disposição, para os registros das atividades. O indicador pressionava o botão com vontade. Foram cuidadosos/as. Atenciosos/as. Respeitosos/as.

Uma pausa para olhar.

Outra para escolher.

Mais uma para focar e
chega a hora de bater.

Click.

A pesquisadora Alik Wunder (2006, p. 2) argumenta “*A linguagem fotográfica gera em nós uma dupla sensação ao nos colocar a frente de algo que, ao mesmo tempo, está e não está ligado ao que chamamos de realidade.*

Uma fotografia é um pacote de informações na medida em que nos fornece dados sobre os lugares, as pessoas, as épocas e os acontecimentos. [...] E a fotografia é também uma nuvem de fantasias, é uma criação humana, marcada pelas escolhas, desejos, imaginações e representações daquele que fotografa e daqueles que observam as imagens fotografadas” (grifos da autora).

As fotografias são tantas! De tantos olhares, pensamentos, intenções e imaginações que não me sinto confortável para tecer comentários sobre elas. Assim como me sinto em relação aos desenhos, os escritos e os vídeos. Não quero validar o meu ponto de vista como verdadeiro e único. Não explico. É comum, em muitos trabalhos, encontrarmos imagens ilustrando as palavras. Nos habituamos a produzir e a observar dessa forma. Busco fazer diferente. Parece que estou reaprendendo a escrever, parece que não sei. Como é difícil escrever buscando várias direções (ou nenhuma) e não uma só! Meu desejo é que todo material produzido pelas crianças e exposto aqui se transforme a cada leitura, a cada olhar.

Da mesma forma que Alik Wunder (idem, p. 4), quero sugerir “*que nos desloquemos da idéia da fotografia como arte de captar para a ideia de arte de soltar, como se a cada disparo da máquina fosse o fotógrafo que se esvaísse em disparada, como se através do obturador aberto, ele se permitisse um vôo cego, mergulho de se expor*”.

Que pensamentos lhe surgem ao entrar em contato com estas imagens?



Não. Os alunos e alunas não receberam aulas de fotografia. Nem de filmagem. Apenas lhes mostrei como funcionava cada equipamento. O melhor enquadramento, foco, distanciamento, recorte foi escolha de cada um. Com as filmagens foi a mesma coisa. A ideia foi sugerida: estávamos fazendo uma pesquisa sobre os seres fantásticos da Lagoa do Peri. As escolhas partiram de cada uma das crianças.

Os alunos e alunas foram espontâneos, ao fazer uso dos equipamentos. Curioso que nenhum deles utilizou as câmaras de vídeo no estilo reportagem, comum na mídia televisiva. Todos e todas se limitaram a captar imagens. Como se a câmara registrasse somente movimentos, e não sons. Não *conversavam* com a câmara.

Será que a “história” de dona Generosa aumentou os modos de ver e de narrar a Lagoa?

Produziu outros mundos, criou outros vínculos afetivos com esse lugar?

Propiciou, com isso, um desejo de continuar encontrando os não-humanos do lugar?

Como as relações que essas crianças têm com o lugar aparecem nas suas narrativas?

5. Capítulo V - Saindo de cena

5.1 O que fica da pesquisa

Quero deixar registrado que a intenção da pesquisa não foi apontar o que é “certo” e o que é “errado” no campo da educação ambiental, nem apresentar uma “proposta metodológica” a ser seguida. Confesso que não tinha a pretensão de uma compreensão absoluta desse “acontecimento”. Foi uma tentativa de ampliar modos de ver o lugar. Não ensinei aos alunos como olhar e, sim, ofereci-lhes possibilidades para isso. Uma pesquisa que permitiu narrativas de várias ordens, não só científicas.

Quero marcar também que, para mim, o processo do dispositivo foi o mais importante (a história de dona Generosa) e não o que gerou dele. Por esse motivo, não me debruço sobre os materiais produzidos pelas crianças. Em seu artigo *Corpos que escapam: ação cultural como resistência*, Oliveira (2008, p. 68) aborda a *performance* e afirma “A representação é radicalmente abolida. A ênfase no processo, na possibilidade de que a experiência sirva como agente de transformação de seus participantes, ressalta sua efemeridade e sua atitude existencial”.

Concordo com a pesquisadora Shaula Sampaio (2008), quando ela observa:

“muitas pesquisas em Educação Ambiental incorrem em tentativas de avaliação de percepções ou representações sobre determinados aspectos do meio ambiente e considero que estes autores assumem uma postura, de certo modo, arrogante ao se autorizarem a julgar o discurso de outros” (grifos meus).

Pensando assim, eu não pretendia e não queria falar sobre o que foi produzido pelas crianças. Uma produção única. Imagens preciosas, instigantes, desenhos curiosos. Desde o início não tinha a pretensão de analisá-los. Ainda bem. Depois de estar com o material em minhas mãos, percebi quanto o empobreceria, se fizesse isso. Não posso dizer que tentar fugir disso foi fácil. Não foi mesmo. Foi uma escrita difícil, que me (des)estruturava a todo momento. Algumas vezes me peguei olhando para os escritos, os desenhos, as imagens. Desviava o olhar para o infinito, tentando buscar respostas: se não

quero analisar, para onde vou então? Era como se estivesse aprendendo a andar. Que dificuldade para encenar os primeiros passos! Busquei apresentar a produção das crianças de um modo diferente. Permitindo que o seu olhar, leitor, dispare pensamentos outros. Penso que ela merece essa diversidade de leituras possíveis. Nas palavras de Alik Wunder (2006, p. 9): “*A linguagem, seja fotográfica, oral ou escrita, deixa de ser considerada como instrumento de expressão e revelação de saberes, mas como uma matéria-prima que dá forma, cor e textura própria aos saberes gerados por ela*”. Para mim, o material produzido pelas crianças fala por si só.

A pesquisadora e integrante do Grupo Tecendo, Aline Krelling (2010, p. 107), argumenta:

“Os lugares de nossas práticas investigativas são vistos como múltiplos e dinâmicos, sendo construídos e reconstruídos pelas relações entre humanos e não-humanos. Tais práticas, que criam narrativas sobre diferentes lugares, são invenções de uma educação ambiental que pretende mostrar os diversos fios que estão em jogo nas tramas que vão compondo, recompondo, desfazendo, construindo, desfigurando um ambiente”.

Quando penso que, depois de 4 meses⁵⁷ sem contato com as crianças, algumas perguntas ainda povoavam seus pensamentos, sinto que dona Generosa cumpriu seu papel. Eu, as crianças, a professora e a equipe experimentamos um lugar de outra forma. Uma forma não comum, não conhecida. E isso ficará em nossas memórias.

A autoria da narrativa é compartilhada, já que pesquisei *com* as crianças e não *sobre* elas. Não é só a minha pessoa ou voz que está autorizada a impor-se. Nada disso seria possível, sem a participação ativa e efetiva de cada um de nós. Tínhamos um objetivo em comum: pesquisar para a dona Generosa os seres fantásticos do lugar em que ela morava. Naves (2008, p. 64) nos afirma “[...] *uma realidade cuja significação deve resultar de um cruzamento de olhares e que portanto estará sempre um pouco para lá do que apenas um olhar pode perceber*”.

A pesquisa, situada no campo da educação ambiental, lida com narrativas de moradores próximos à Lagoa do Peri, aborda sua relação com os seres

⁵⁷ Fizemos a trilha no início de dezembro de 2009 e nos encontramos para a edição de imagens no início de abril de 2010.

fantásticos e com a própria Lagoa. As histórias que foram contadas por dona Passa, embaixo do bambuzal, são as próprias histórias de alguns moradores vizinhos ao Parque Municipal da Lagoa do Peri – uma encenação de um tempo que existiu. A história de dona Generosa só poderia ter sido contada para essas crianças - moradoras do entorno do Parque Municipal da Lagoa do Peri - pois ela foi criada pensando especialmente nesse ambiente, com as histórias e características desse lugar. Franklin Cascaes⁵⁸, um dos maiores defensores e representantes da tradição popular ilhoa, nos informa exatamente em quais lugares da Ilha de Santa Catarina as bruxas aparecem. “[...] foram localizadas em Santo Antonio de Lisboa, Pântano do Sul, Ponta das Canas, Lagoa da Conceição, Rio Tavares, Morro das Pedras, Ribeirão da Ilha e Barra do Sul⁵⁹” (CASCAES apud ARAÚJO, 2008, p. 41).

A história de dona Generosa não pode ser replicada em outros ambientes. Outras histórias, porém, em lugares outros podem ser criadas. Em seu artigo *O que eu poderia ser se fosse para outro lugar?*, Guimarães (2010a, p. 81) nos lembra que:

“Nossas cidades também podem ser vistas como passíveis de invenção, de tessitura de outros encontros (e não apenas desencontros) entre seres humanos e não-humanos, de criação imaginativa, de sensações que nos permitiriam outros acentos, outras atenções para com os mundos que uma educação ambiental, acredito, seria capaz de ativar”.

Penso que lidar com histórias (de pessoas mais antigas, de alunos, de comunidade escolar) deve ser um caminho interessante que a escola e o Parque podem explorar. Os pesquisadores Fox & Girardello (1999, p. 89 - 90) apontam muitas razões práticas para que a *contação* de histórias aconteça dentro e fora da escola: o prazer que as crianças sentem, ajuda a gerar senso de comunidade colaborativa, possibilita outras formas valiosas de ensinar, atrai para o mundo da literatura e possibilita que jovens ouvintes tornam-se jovens contadores. Além disso, nas palavras desses mesmos autores, “*a narração é uma forma de vivência artística plena que podemos oferecer às crianças*”.

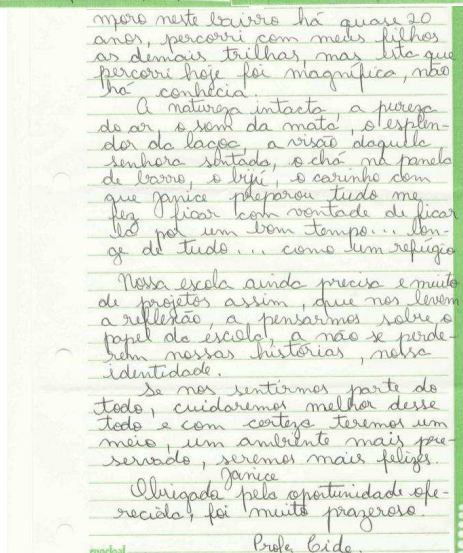
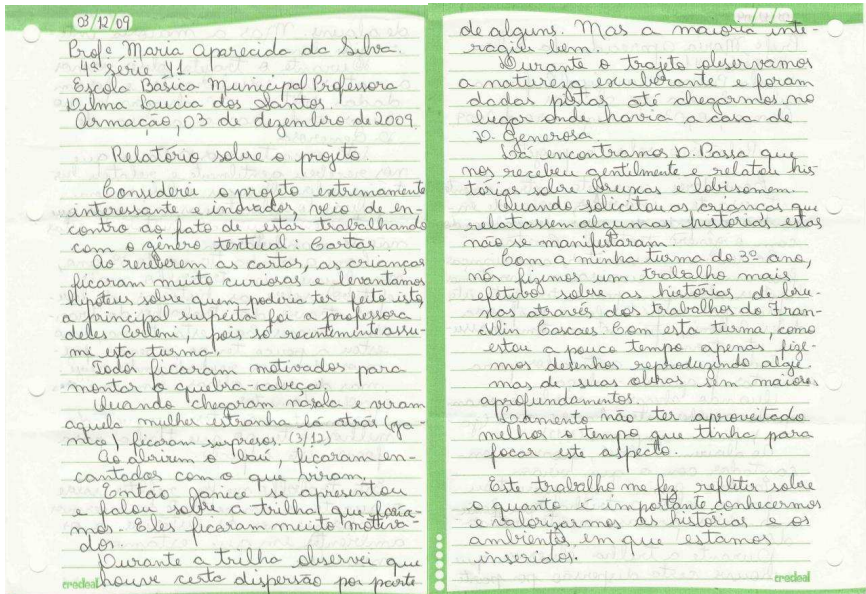
⁵⁸ Franklin Cascaes desenvolveu sua pesquisa por mais de trinta anos, lutando “[...] pela preservação histórica e ecológica da Ilha como patrimônio histórico e cultural” (ARAÚJO, 2008, p. 88).

⁵⁹ O Parque Municipal da Lagoa do Peri está localizado entre o Morro das Pedras e o Pântano do Sul, na Ilha de Santa Catarina.

Não pensei somente em preservar para as crianças, valorizar, divulgar as histórias dos antigos moradores. Pensei também em provocar outras histórias. Pensamentos outros. Desvelar, inventar, disparar formas de se relacionar com a Lagoa, que não conhecíamos até então. Pensei em mudar a forma de pisar em uma trilha. Nossos passos ficaram marcados naquele lugar. Ficaram marcas de mistério, de descobertas, de curiosidade, de parceria, de brincadeira, de cumplicidade, de suspense.

Em alguns momentos me via pensando nas crianças que havia escolhido para minha pesquisa. Por que alunos e alunas da quarta série do ensino fundamental? Para mim, elas fariam o “relatório” para dona Generosa com mais facilidade: escrever, desenhar, elaborar. E, acreditava eu, não teriam problemas em brincar de faz-de-conta. Pensava em como eu era quando cursava a quarta série. Se gostaria de participar de uma brincadeira dessas. Claro que sim!!! A questão é que as crianças que cursaram a quarta série há alguns anos, não são as mesmas que cursam hoje! Óbvio! Sempre foi assim! Poderia ter brincado com as crianças da terceira série? Sim. E da segunda? Sim, também. E da quinta? Não sei. Não tenho certeza. Talvez não nesse formato. Talvez fosse necessário inventar para elas algo diferente. Vou confessar uma coisa: quando estive na secretaria da escola para anotar os endereços de cada aluno e aluna, pude conhecê-los por meio de uma foto 3x4 que fazia parte da sua ficha individual. Pensei: Que crianças mais lindas e pequenas! Nos corredores perguntava para os alunos que ali passavam em qual série estavam. Só para ter uma noção do tamanho das crianças que eu iria encontrar. Acredite ou não, nunca me deparei com uma criança da quarta série! No primeiro dia em que nos encontramos (na sala de aula, eu com a maleta) levei um susto! Eles são desse tamanho!! Respirei, respirei e respirei. Naquele momento senti o risco que estava correndo. Eles poderiam simplesmente rir da minha cara, me esnoabar, dar de ombros. Sei lá. Não. Não foi isso que aconteceu. E sabe por quê? Porque são apenas crianças. São grandes, são espertas, são levadas. Sim. Sim. Sim. E são crianças. Curiosas. Disponíveis. Umas mais ingênuas. Outras mais maliciosas, porém, cada uma do seu jeito escolheu brincar. Escolheu “ver qual era”. Nas palavras de Krelling (2010, p. 111), [...] *“as crianças ainda não estão condicionadas a ver o mundo de uma única forma, algo que vai nos acontecendo com o tempo, através das*

imposições e limitações vindas da escola, da família, da sociedade". Penso que, se as escolas levassem a imaginação a sério, não teríamos maiores problemas em lidar com crianças maiores. Só que essa discussão fica para outro momento.



Volto a falar sobre as crianças e, mais uma vez, dialogando com Larrosa (2001), que apresenta a imagem da infância como figura do acontecimento. Com isso podemos pensar em nossa prática, como educadores e educadoras. Nas palavras desse autor (idem, p.285): *“Pensar a transmissão educativa não como uma prática que garanta a conservação do passado ou da fabricação do futuro, mas como um acontecimento que produz o intervalo, a diferença, a descontinuidade, a abertura do porvir”*.

Focar no presente. Inclusive com as crianças. Como afirma Barcelos (2006), as crianças não são o futuro (de nada), e sim o presente. Nesse sentido, Prevê (2010, p. 73) argumenta: *“Pensar sobre o presente é a isso que pode servir a educação e as práticas de educação ambiental. E não para reforçar e reafirmar uma discursividade ambiental que põe em movimento, não o pensamento e sim o rebanho*. Penso que a história de dona Generosa levou em consideração essa questão, ficando atenta ao presente das crianças. O material produzido por elas marca isso.

Oliveira (2008) aposta na *resistência como possibilidade* diante da *égide de um biopoder*. Nas suas palavras (idem, p. 63), *“A ideia [...] que se suspenda, mesmo que momentaneamente, o controle sobre a vida, que instaure uma desordem não prevista, a indisciplina dos corpos, abala a sociedade de controle”*. Dona Generosa surgiu não para apresentar soluções permanentes, nem para apontar formas únicas de pensar e agir sobre algo. Dona Generosa apontava para o incerto, o inesperado, para o devir. Estava disposta a criar espaços para a criação, a reflexão, a liberdade, *experimentar a vida de forma alargada* e mostrar que não há uma única forma de se fazer educação ambiental. Dona Generosa permitiu que cada um criasse o seu mundo (os seus mundos) e a forma de habitá-lo também. Pode ser que, para alguns que não participaram da pesquisa, ela possa causar alguns incômodos, desconfortos, estranhezas. É compreensível e até normal. Porém, como afirma Araújo (2008, p. 70): *“É necessário reinventar a vida ao vivê-la, transformando-a, experimentando suas inúmeras possibilidades”*. Por que não reinventar, transformar, experimentar possibilidades outras da educação ambiental?

5.2 As dores e as delícias da pesquisa

Fácil não é. Não é mesmo. Engravidei na primeira semana de mestrado (foi a comemoração!). O primeiro semestre foi puxado. Viajava toda a semana de Itá a Florianópolis. Quando retornava a casa tinha que trabalhar. E tentar cuidar da filha. Do marido. E ler os textos. E fazer resumos. Quando recebi a orientação médica para permanecer de repouso, o atestado médico de 15 dias foi para o trabalho e não para a UFSC. Optei ficar na casa de minha mãe. Aleguei que as aulas não iriam prejudicar o repouso.

O segundo semestre não foi diferente. Final da gravidez. Mudança. Cuidar da filha. Da barriga. Ler os textos. Fazer resumos. A turma da disciplina sobre imaginação, oferecida pela professora Gilka Girardello acompanhou o final da gravidez. Semana a semana. Pari. Faltei a duas aulas. Entreguei as tarefas no prazo.

O terceiro semestre foi um pouco mais tranqüilo. Consegui fazer a última disciplina, qualificar-me, mudar de casa. Como desejei ter mais tempo para ler, pesquisar, estudar! Como desejei escrever bonito! O desespero me encontrou algumas vezes e não sabia o que fazer primeiro. Filho doente uma semana. O marido viaja na outra. Outro filho adoece. E quando eu via, o mês passava e eu estava ali, sem ler, sem escrever. Tocando o barco.

Encontrei mais mulheres em situação semelhante (e até mais difícil) que a minha. Me fortaleci. E pensei: eu também sou capaz! E vou conseguir. Não do jeito que queria. Queria mais tempo, mais leitura, mais reflexão, mais certezas. Mas consegui. Percebi que seria impossível ser a pessoa perfeita em todos os quesitos, o tempo todo. E foi aí que comecei a dosar minhas entregas. Momento mãe. Momento pesquisadora. Amiga. Companheira. Filha. Etc. etc. Ajudou bastante. Mesmo assim, passei madrugadas lendo, com um termômetro nas mãos. Essa minha condição não é única. Nem exclusiva. Pelo contrário, é comum para muitas estudantes de mestrado e doutorado. Uma condição que nos pressiona. Que nos cobra. E por que, então, continuar nisso? No meu caso, porque posso experimentar, me mover, deslizar. Porque essa pesquisa mexeu comigo. Me senti realizada. E isso para mim basta. Foi bom. Foi difícil. E valeu a pena.

6. Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007.

AMORIM, Antonio Carlos. Fotografia, som e cinema como afectos e perceptos no conhecimento da escola. *Teias*. Rio de Janeiro, v. 8, n. 15-16, 2007.

ARAULO, Adalice Maria de. *Franklin Cascaes, o mito vivo da Ilha (mito e magia na arte catarinense)*. Florianópolis, Ed. da UFSC, 2008.

BACHELARD, Gaston. *O Ar e os Sonhos: ensaios sobre a Imaginação da Matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

BARCELOS, Valdo. *Invisível cotidiano*. Porto Alegre, RS: AGE, 2006.

_____. *Educação Ambiental: sobre princípios, metodologias e atitudes*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BRASIL. Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. **Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais**.

_____. Lei nº 9.985 de 18 de julho de 2000. Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *História de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1987.

CABRAL, Beatriz. Parte I – Contexto e Circunstâncias. In: *Arte em Foco: Revista de estudo sobre produção artística*. DAP/UFSC. V. 1, n. 1. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1998.

CABRAL, Luiz Otávio. *Bacia da Lagoa do Peri: sobre as dimensões da paisagem e seu valor*. Florianópolis, 1999. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina.

CANCLINI, Nestor García. *Diferentes, desiguales y desconectados*. Barcelona: Gedisa, 2004.

CECCA - CENTRO DE ESTUDOS CULTURA E CIDADANIA - *Uma cidade numa ilha: relatório sobre os problemas sócio-ambientais da Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Editora Insular, 1996.

_____. *Unidades de conservação e áreas protegidas da Ilha de Santa Catarina: caracterização e legislação*. Florianópolis: Editora Insular, 1997.

CONSELHO DE MORADORES DO PARQUE MUNICIPAL DA LAGOA DO PERI. *Lagoa do Peri, moradores e a realidade: um pequeno relato*. Florianópolis, 13 fev. 1998a.

_____. *Ata de Reunião*. Florianópolis, 19 de maio de 1998b.

CUPELLI, Rodrigo; GALIAZZI, Maria do Carmo. *Narrando (re)existências: a produção de sentidos na constituição de professores educadores ambientais*. 31ª Reunião Anual da ANPED, GT 22, 2008.

DELEUZE, Gilles. ¿Que és um dispositivo? In: *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1990. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/art14.html> Acesso em: 10 de setembro 2008.

EGAN, Kieran. Por que a Imaginação é Importante na Educação? In Fritzen Celdon e Cabral, Gladir da Silva (orgs). *Infância: Imaginação e educação em debate*. Campinas, SP: Papirus, 2007.

FANTIN, Monica; GIRARDELLO, Gilka. Apresentação. In: *Liga, Roda, Clica: estudos em mídia, cultura e infância*. GIRARDELLO, G.; FANTIN, M. (orgs.). Campinas, SP: Papirus, 2008.

FLORAM – FUNDAÇÃO MUNICIPAL DO MEIO AMBIENTE DE FLORIANÓPOLIS. *Parque Municipal da lagoa do Peri: guia do meio ambiente*. Florianópolis, s/d. Catálogo de fauna e flora.

FOX, Geoff; GIRARDELLO, Gilka. A narração de histórias na sala de aula. In CABRAL, Beatriz (org). *Ensino do teatro: experiências interculturais*. Imprensa Universitária. Florianópolis: [s.n], 1999.

GALIAZZI, Maria do Carmo et al. Narrar histórias para se constituir educador ambiental pela pesquisa. *Pesquisa em Educação Ambiental*, vol. 3, n° 1, 2008.

GIRARDELLO, Gilka. A imaginação no contexto da recepção In: *Revista Interamericana de Comunicação Midiática ANIMUS*. V. II, n. 1, 2003.

_____. *Voz, Presença e Imaginação: a narração de histórias e as crianças pequenas*. Reunião da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPED) – GT 07 Educação de 0 a 6 anos, Poços de Caldas, 2003b.

_____. A imaginação infantil e a educação dos sentidos. In: LENZI et al (orgs.): *Imagem: intervenção e pesquisa*. Florianópolis, NUP/CED/UFSC, 2006.

_____. Produção cultural infantil diante da tela: da TV à internet In: *Liga, Roda, Clica: estudos em mídia, cultura e infância*. GIRARDELLO, G. ; FANTIN, M. (orgs.). Campinas, SP: Papirus, 2008.

GODOY, Ana. *A menor das ecologias*. São Paulo, EDUSP, 2008.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos In: *Sociedade midiaticizada*. Denis de Moraes (org.) traduções de Carlos Frederico Moura da Silva, Maria Inês Coimbra Guedes, Lucio Pimentel. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

GUIDO, Lucia de Fátima Estevinho. *Educação, Televisão e Natureza: Uma Análise do Repórter Eco*. In: 29ª Reunião Anual da ANPED, GT22, 2006, Caxambu.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. O educativo-ambiental construído sob o binarismo natureza-cultura nos limiares do terceiro milênio In: BARCELOS, Valdo; NOAL, Fernando. *Educação Ambiental e Cidadania: cenários brasileiros*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

_____. *A importância da história e da cultura nas leituras da natureza*. In: 29ª Reunião Anual da ANPED, GT22, 2006, Caxambu.

_____. *A invenção de dispositivos pedagógicos indagativos sobre o ambiente*. Anais do XII Congresso da ARIC jun/jul, 2009.

_____. *O Que Eu Poderia Ser [Ou Estar Sendo] Se Fosse Para Outro Lugar [Na Mesma Cidade Que Habito]? XV ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, Belo Horizonte, MG 2010.*

_____. *O que eu poderia ser se fosse para outro lugar?* In GUIMARÃES, Leandro Belinaso; KRELLING, Aline; BARCELOS, Valdo (orgs.) *Tecendo Educação Ambiental na arena cultural*. Petrópolis, RJ. DP et Alii Editora Ltda, 2010a.

HALL, Stuart. Estudos Culturais e seu legado teórico. In SOVIK, Liv (Org.) *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HARO, Martim Afonso Palma de (Org.). *Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*. Florianópolis: Editora da UFSC/Lunardelli, 1990.

HONORATO, Aurélia et al. *A vídeo-gravação como registro, a devolutiva como procedimento: pensando sobre estratégias metodológicas na pesquisa com crianças*. 29ª Reunião Anual da ANPED, GT 16, 2006.

IPIUF – INSTITUTO DE PLANEJAMENTO URBANO DE FLORIANÓPOLIS. *Plano Diretor do Parque da Lagoa do Peri*. Relatório Final, vol. 1, 1978.

KRELLING, Aline. Entre encontros e fabulações: outras possibilidades de experimentar o mundo In GUIMARÃES, Leandro Belinaso; KRELLING, Aline; BARCELOS, Valdo (orgs.) *Tecendo Educação Ambiental na arena cultural*. Petrópolis, RJ. DP et Alii Editora Ltda, 2010.

LARROSA, Jorge. *La experiencia de la lectura*. Barcelona: Lertes, 1996.

_____. Dar a palavra. Notas para uma dialógica da transmissão. In LARROSA, Jorge; SKLIAR, C. *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autentica. 2001.

_____. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Rio de Janeiro: *Revista Brasileira de Educação*, n° 19, p. 20-28, jan/abr, 2002.

LINS, Consuelo. *Rua de Mão Dupla: documentário e arte contemporânea*. Disponível em: < http://www.caoguimaraes.com/page2/artigos/artigo_01.pdf

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* S. l.: Rocco, 1964.

MALUF, Sônia. Bruxas e Bruxarias da Lagoa na Conceição: um estudo sobre representações de poder feminino na Ilha de Santa Catarina. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. N. 34, fevereiro de 1992.

_____. *Encontros Noturnos: bruxas e bruxarias da Lagoa da Conceição*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2003.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MELIN, Regina. *Performance nas artes visuais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

MIGLIORIN, Cezar. O dispositivo como estratégia narrativa. In LEMOS, André; BERGER, Christa; BARBOSA, Marialva (Orgs). *Narrativas midiáticas contemporâneas*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MIRANDA, Janice. Moradores da Lagoa do Peri devem se cadastrar para facilitar a fiscalização. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 5 de jan. 1998.

MUNARIM, Iracema. *Brincando na Escola: O Imaginário Midiático Na Cultura de Movimento das Crianças*. Dissertação de Mestrado. CED/PPGE/UFSC, Florianópolis, 2007.

NAVES, Rodrigo. O silêncio do mundo. In MAMMI, L.; SCHWARCZ, L. M. (orgs.) *8 X fotografia: ensaios*. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado de. *Desenhos e Escutas*. In: 29ª Reunião Anual da ANPED, GT 12, 2006, Caxambu.

OLIVEIRA, Lúcia Maciel Barbosa de. Corpos que escapam: ação cultural como resistência. *Revista de Estudos Universitários*. v. 34, n. 2, p. 61-71. Sorocaba, SP, 2008.

PERES, Fábio Lessa. *Rodando o Engenho: Reflexões teórico-metodológicas sobre a brincadeira de fazer vídeo, na perspectiva da mídia-educação*. Dissertação de Mestrado. CED/PPGE/UFSC. Florianópolis, 2009.

PEREIRA, Patrícia B. *O Meio Ambiente e a Construção de Sentidos no Ensino Fundamental*. Dissertação de Mestrado em Educação Científica e Tecnológica. UFSC. Florianópolis, 2008.

PREVE, Ana Maria Hoepers. Onde sonham as formigas verdes: sonho, silêncio, vazio In GUIMARÃES, Leandro Belinaso; KRELLING, Aline; BARCELOS, Valdo (orgs.) *Tecendo Educação Ambiental na arena cultural*. Petrópolis, RJ. DP et Alii Editora Ltda, 2010.

PREVE, Ana Maria Hoepers; CORRÊA, Guilherme. Ecologia de rebanho. In: PREVE, Ana Maria; CORRÊA, Guilherme. *Ambientes da ecologia: perspectivas em política e educação*. Santa Maria/RS: Editora da UFSM, 2007.

REIGOTA, Marcos. *Ecologistas*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

_____. *A Floresta e a Escola: por uma educação ambiental pós-moderna*. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____; PRADO, Bárbara H. S. (orgs.) *Educação ambiental: utopia e práxis*. São Paulo: Cortez, 2008.

SAMPAIO, Shaula M. V.; GUIMARÃES, Leandro Belinaso. Educação Ambiental: tecendo trilhas, escriturando territórios In *Educação em Revista*. v. 25. n.03, p. 353-368, Belo Horizonte, dez 2009.

SAMPAIO, Shaula. Parecer sobre projeto de pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina. Aluna: Priscila Fernanda Rech. Título: Os encontros das águas: múltiplos olhares sobre o Rio das Antas. Maceió, julho de 2008.

SANTA CATARINA (Estado) FLORIANÓPOLIS. *Decreto Municipal nº 1.408, de 04 de junho de 1976*. Tomba como Patrimônio Natural a Bacia da Lagoa do Peri. Diário Oficial de Santa Catarina, n. 10.517, 2 jul. 1976.

_____. *Lei Municipal nº 1.828, de 04 de dezembro de 1981*. Cria o Parque Municipal da Lagoa do Peri e institui seu Plano Diretor de ocupação e uso do solo. Diário Oficial de Santa Catarina, n. 11.869, 15 dez. 1981.

_____. *Decreto Municipal nº 091, de 01 de julho de 1982*. Regulamenta a Lei Municipal nº 1.828 de 04 de dezembro de 1981 que criou o Parque Municipal da Lagoa do Peri e instituiu seu Plano Diretor de ocupação e uso do solo. Diário Oficial de Santa Catarina, n. 12.038, 23 ago. 1982.

SANTOS, Rozely Ferreira dos. *Planejamento Ambiental: teoria e prática*. São Paulo: Oficina de Textos, 2004.

SILVA, Abigail de Souza da. *Parque Municipal da Lagoa do Peri subsídios para o gerenciamento ambiental*. 2000. 96p. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

SORIANO-SIERRA, Eduardo. Vegetação e uso atual do solo da bacia da Lagoa do Peri. In: *Diagnóstico ambiental visando um programa de monitoramento da Lagoa do Peri*. Florianópolis: NEMAR/UFSC, 1999.

TEIXEIRA, Nume. Lagoa do Peri sem fiscalização. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 16 de junho 1991.

WEDEKIN, Nara. Em busca da Teatralidade: Uma análise do processo dramático no projeto Plantas na Ilha: A história de Marina. In: *Arte em Foco: Revista de estudo sobre produção artística*. DAP/UFSC. V. 1, n. 1. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1998.

WUNDER, Alik. *Fotografias como exercício de olhar*. 29ª Reunião Anual Anped, GT16, Caxambu, 2006.

ZANCO, Janice. *Vidas e Trilhas na Lagoa do Peri*. Trabalho de Conclusão de Curso. Ciências Biológicas. UFSC, 2002.

ZANFELICE, Camila. *Na velocidade do riso/grito/giro: sonoridades imagéticas*. Anais do 17ª Congresso de Leitura do Brasil, Campinas, SP, 2009.

7. Anexos

7.1 Anexo I – Apresentação minha e da pesquisa (para a escola)

Florianópolis, 03 de setembro de 2009.

À **EBM Prof^a. Dilma Lúcia dos Santos**
A/c Julio Cesar Steffen Muniz
Diretor

Eu, Janice Zanco, bióloga formada pela Universidade Federal de Santa Catarina, cursando Programa de Pós-Graduação em Educação na mesma Universidade, sendo orientada pelo professor Dr. Leandro Belinaso Guimarães, pretendo através deste, esclarecer sobre minha pesquisa, a qual gostaria de realizar na **EBM Prof^a Dilma Lúcia dos Santos**.

Em 2002, realizei Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) coletando depoimentos orais de antigos moradores do entorno do Parque Municipal da Lagoa do Peri, com o objetivo de dar voz a essas pessoas muitas vezes esquecidas por nós biólogos. Os depoimentos orais versavam principalmente sobre bruxas, lobisomens, engenhos e benzeduras.

A proposta da pesquisa de mestrado é retomar o TCC e lançá-lo em outras direções, pois eu não sou mais a mesma, o Parque da Lagoa do Peri não é mais o mesmo e o público de minha investigação mudou também. Isso porque aprendi que nossas identidades não são fixas, essenciais e dadas desde sempre.

Pelos autores que estou estudando (Marcos Reigota, Valdo Barcelos, Maria do Carmo Galiazzi, Leandro Belinaso Guimarães), passei a refletir que um papel importante da Educação Ambiental é levar os sujeitos a pensarem sobre os modos como enxergam os lugares por onde vivem. Assim, acredito que isso possa ser feito com as crianças da Escola (em especial da 4ª série), moradoras próximas do Parque Municipal da Lagoa do Peri.

Com os depoimentos orais dos sujeitos transformados em contos e uma proposta pedagógica utilizando o drama⁶⁰ como prática espero provocar/estimular as crianças a criar narrativas.

Então as perguntas centrais dessa minha investigação são: Que outras narrativas serão criadas pelas crianças através do dispositivo da educação ambiental que as colocará em contato com os depoimentos orais dos mais idosos? Como serão narradas as relações das crianças locais com os humanos e os não-humanos do Parque?

Proposta de atividade com as crianças:

1. visitas esporádicas durante os meses de setembro e outubro na turma de 4ª série matutina, com o objetivo de observar e buscar inspiração na realidade das crianças para planejamento dos encontros, permitir uma aproximação com as crianças para não ser tão estranha durante o trabalho com elas.
2. definir atividades/programação dos encontros e apresentar à Coordenação Pedagógica da Escola e para a Banca de Qualificação do Projeto (outubro/09).
3. realizar 4 encontros em novembro com duração de 1h30min a 2h cada. Provavelmente um deles será na área do próprio Parque.

As atividades serão pensadas com o objetivo de tornar as vivências realmente significantes para as crianças, envolvendo-as emocionalmente com a pesquisa. Para tanto, posso utilizar algumas ferramentas como, por exemplo: desenhos, histórias, objetos e figurinos de bruxas e lobisomens, mapas e fotos do Parque, personagens (bruxa, senhora, carteiro,...), enfim,

⁶⁰ Substitui a palavra teatro quando refere-se a processos de construção da narrativa dramática em grupo.

elementos para compor um roteiro de viagem tal que atraia as crianças deixando-as completamente inseridas nesse real imaginado.

Os encontros serão registrados através da fotografia e vídeo-gravação com prévia autorização da Escola, pais e alunos.

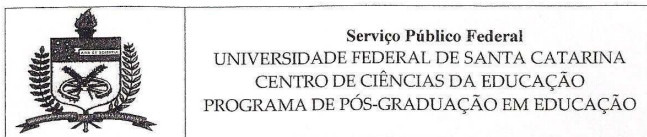
Pensar em realizar a pesquisa *com* as crianças é pensar em transformá-las em co-autoras desta. Considerando-as e valorizando-as como sujeitos atuantes inseridos na sociedade, com suas especificidades e seus saberes. Tentarei observar seus modos de agir e pensar, escutar suas vozes, olhar com diversos olhares.

Deixo aqui registrado meu profundo desejo e interesse em realizar a pesquisa na EBM Profª Dilma Lúcia dos Santos e coloco-me à disposição para esclarecimentos e sugestões.

Estando a Escola de acordo com a pesquisa, comprometo-me entregar para a mesma uma cópia impressa da dissertação final, registros fotográficos em meio digital e imagens editadas.

Atenciosamente,
Janice Zanco
Mestranda PPGE - UFSC

7.2 Anexo II – Carta do orientador para a escola



Florianópolis, 19 de outubro de 2009.

À
EBM Professora Dilma Lucia dos Santos
Do Professor Leandro Belinaso Guimarães

Prezados/as senhores/as apresento a bióloga e educadora ambiental Janice Zanco que estará desenvolvendo oficinas pedagógicas com as crianças da quarta série. Tais atividades colaborarão para a construção da sua dissertação de mestrado em educação.

Agradeço a acolhida da escola e desejo que o trabalho de Janice Zanco possa colaborar com os projetos que a instituição promove junto às crianças.

Atenciosamente,



Leandro Belinaso Guimarães


Júlio César Steffen Muniz
Diretor EB Dilma Lucia dos Santos
Decreto 6393/08

E.B.M. Profª Dilma Lúcia dos Santos
Armação do Pântano do Sul/Flóps
Código: 0146-5



7.3 Anexo III – Resumo da pesquisa para Secretaria Municipal de Educação

Florianópolis, 30 de outubro de 2009.

À Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis/SC
A/c Rosane Immig
Coordenadora de Articulação Pedagógica

Eu, Janice Zanco, bióloga formada pela Universidade Federal De Santa Catarina (UFSC) e estudante de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma instituição, venho apresentar minha pesquisa e registrar meu interesse em realizá-la junto aos 26 alunos da quarta-série matutina da EBM Profa. Dilma Lúcia dos Santos, localizada na Estrada Geral da Armação.

Amparada principalmente por autores que considero inspirados em teorizações que alguns denominam como Pós-Modernas, por desejarem se distanciar de alguns pressupostos da Modernidade (como as grandes narrativas sobre o mundo e o caráter universal das categorias analíticas) penso em outras possibilidades de fazer educação ambiental. Tal como estes autores, estou indo em busca das narrativas singulares aos locais em que elas se configuram, sem querer encontrar uma narrativa que possa ser tomada como universal e, portanto, passível de ser ensinada a todos.

Pensar em realizar a pesquisa *com* as crianças é pensar em transformá-las em co-autoras desta. Considerando-as e valorizando-as como sujeitos atuantes inseridos na sociedade, com suas especificidades e seus saberes. Tentarei observar seus modos de agir e pensar, escutar suas vozes, olhar com diversos olhares.

Minha pesquisa *Tramando Narrativas na Lagoa do Peri*, sob orientação do Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães, tem como objetivo levar crianças a pensarem sobre os diferentes modos que podemos enxergar e constituir um Parque como o Parque Municipal da Lagoa do Peri. Pensando nisso, pretendo realizar algumas práticas pedagógicas com as crianças que as estimulem a narrar sobre o ambiente da Lagoa do Peri. As perguntas da minha pesquisa são: Que narrativas seriam essas, que modos de ver e narrar o parque surgiriam a partir da educação ambiental que eu estou promovendo? Que relações estabelecidas com o meio e com as pessoas serão explicitadas nessas histórias?

Para pensar e programar os encontros me inspirei na revista “Drama como método de Ensino”, uma publicação do Departamento Artístico Cultural da UFSC em 1998, cujo trabalho “está centrado na busca e na análise das possibilidades e do potencial pedagógico do teatro nas séries iniciais do primeiro grau” (CABRAL, 1998). O que mais me atraiu nesse material é a utilização da ficção para promover atividades.

Os encontros

A idéia de transportar essas crianças para um mundo de faz-de-conta pode ser justificada por alguns desejos: proporcionar algo realmente diferente do que estão acostumadas a experienciar, tentar diminuir ao máximo aquele desejo intrínseco nas crianças de pensar/falar/escrever o que o(a) professor(a) gostaria de ver (será isso realmente possível?) e,

promover uma ampliação de diferentes acessos e sentidos, buscando aumentar ainda mais o espaço de criação.

Para o presente ano, está previsto 2 encontros com as crianças. O primeiro será realizado em sala de aula. As crianças entrarão em contato com objetos e histórias de antigos moradores da região. O segundo encontro será realizado no Parque Municipal da Lagoa do Peri. Durante a trilha as crianças participarão de uma contação de histórias e serão estimuladas a narrar suas próprias histórias.

Será utilizada a vídeo – gravação como forma de registro de todas as atividades. Por esse motivo, no início do ano que vem, está previsto um momento onde as crianças terão acesso às imagens e fotos, em especial das que elas mesmas fizeram.

Acredito que com essas práticas pedagógicas previstas as crianças serão estimuladas a imaginar, criar, narrar e terão possibilidade de ver e pensar um ambiente de uma forma diferente e lúdica.

Agradeço desde já e coloco-me à disposição para eventuais dúvidas e sugestões.

Janice Zanco – janicezanco@hotmail.com

7.4 Anexo IV - Aprovação da Secretaria



**PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL**

CARTA DE AUTORIZAÇÃO DE ESTÁGIO

A Diretoria de Ensino Fundamental autoriza a acadêmica **JANICE ZANCO**, matriculada no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC para realizar estágio curricular na E.B.M. Professora Dilma Lúcia dos Santos durante o 2º semestre letivo de 2009.

Com votos de estima e consideração, agradecemos antecipadamente a sua colaboração, certos de que esta experiência será extremamente significativa na formação deste profissional e que contribuirá com reflexões para a qualidade da escola pública.

Florianópolis, 04 de novembro de 2009.


Pedro Rodrigues da Silva
Diretor do Ensino Fundamental

7.5 Anexo V – Declaração da escola



SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
Escola Básica Municipal Professora Dilma Lúcia dos Santos
Rodovia SC 406, 6050 Armação do Pântano do Sul - Florianópolis / SC.
Fone/Fax: 3389 5080

DECLARAÇÃO

Declaramos a quem possa interessar que Janice Zanco, matrícula 200830546, mestranda na Pós Graduação em Educação na Universidade Federal de Santa Catarina, ministrou uma pesquisa nesta unidade escolar no segundo semestre de 2009 com os alunos da 4ª série, turma 41, professora Maria Aparecida da Silva. O título da Pesquisa Dona Generosa e as crianças disparam...outros modos de ver a Lagoa do Peri, no total de quatro(4) encontros, inclui também uma visita na própria Lagoa do Peri.

Atenciosamente

Júlio César Steffen Muniz

Diretor

Júlio César Steffen Muniz
Diretor: EB Dilma Lúcia dos Santos
Decreto 6393/08

Florianópolis, 14 de julho de 2010.

7.6 Anexo VI – Pedido para uso da área à FLORAM

Florianópolis, 30 de outubro de 2009.

**À Fundação Municipal do Meio Ambiente – FLORAM
Florianópolis/SC**

Eu, Janice Zanco, bióloga formada pela Universidade Federal De Santa Catarina (UFSC) e estudante de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma instituição, venho apresentar minha pesquisa e registrar meu interesse em realizá-la na área do Parque Municipal da Lagoa do Peri.

Minha pesquisa *Tramando Narrativas na Lagoa do Peri*, sob orientação do Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães, tem como objetivo levar crianças a pensarem sobre os diferentes modos que podemos enxergar e constituir um Parque como o Parque Municipal da Lagoa do Peri. Pensando nisso, pretendo realizar algumas práticas pedagógicas com as crianças que as estimulem a narrar sobre o ambiente da Lagoa do Peri. As perguntas da minha pesquisa são: Que narrativas seriam essas, que modos de ver e narrar o parque surgiriam a partir da educação ambiental que eu estou promovendo? Que relações estabelecidas com o meio e com as pessoas serão explicitadas nessas histórias?

Para pensar e programar os encontros me inspirei na revista “Drama como método de Ensino”, uma publicação do Departamento Artístico Cultural da UFSC em 1998, cujo trabalho “está centrado na busca e na análise das possibilidades e do potencial pedagógico do teatro nas séries iniciais do primeiro grau” (CABRAL, 1998). O que mais me atraiu nesse material é a utilização da ficção para promover atividades.

Os encontros

A idéia de transportar essas crianças para um mundo de faz-de-conta pode ser justificada por alguns desejos: proporcionar algo realmente diferente do que estão acostumadas a experienciar, tentar diminuir ao máximo aquele desejo intrínseco nas crianças de pensar/falar/escrever o que o(a) professor(a) gostaria de ver (será isso realmente possível?) e, promover uma ampliação de diferentes acessos e sentidos, buscando aumentar ainda mais o espaço de criação.

Para o presente ano, está previsto 2 encontros com as crianças. O primeiro será realizado em sala de aula. As crianças entrarão em contato com objetos e histórias de antigos moradores da região. O segundo encontro será realizado na trilha do Saquinho, no Parque Municipal da Lagoa do Peri.

O momento mais especial da trilha é quando as crianças encontrarão uma “antiga benzedeira”, que lhes contará histórias e estimulará para que as próprias crianças narrem outras histórias. Porém, está previsto para que neste momento a “benzedeira” esteja preparando um chá. Para isso, necessito de uma autorização da FLORAM para que eu possa instalar um pequeno fogareiro para aquecer o chá. Será por pouco tempo e um fiscal do Parque poderá acompanhar toda a atividade.

Acredito que com essas práticas pedagógicas previstas as crianças serão estimuladas a imaginar, criar, narrar e terão possibilidade de ver e pensar um ambiente de uma forma diferente e lúdica.

Agradeço desde já a compreensão e coloco-me à disposição para eventuais dúvidas e sugestões.

Janice Zanco

janicezanco@hotmail.com

7.7 Anexo VII - Autorização FLORAM



PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS
Fundação Municipal do Meio Ambiente de Florianópolis

Rua Conselheiro Mafrá, 656 – 8º andar CEP 68010-914 Centro CGC 00.909.972/0001-01
Fone: (048) 3222 4343 E-mail: floram@pmf.sc.gov.br

Ofício nº 1208/2009/geruc

Florianópolis, 11 de novembro de 2009.

Ilma. Sra.
JANICE ZANCO
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
NESTA

Assunto: Autorização para pesquisa em UC - Processo nº 53207/09-FLORAM

Prezada senhora

Em atendimento a sua solicitação de autorização para efetuar práticas de campo vinculadas à pesquisa no curso de mestrado ligado ao Programa de Pós-Graduação em Educação / UFSC, comunicamos que, com base no Parecer Técnico nº 065/09-GERUC, foi emitida a Autorização nº 039/09-GERUC, que segue em anexo.

Solicitamos sua atenção para as recomendações / restrições contidas na referida autorização, ressaltando que sua não observância poderá implicar no cancelamento da mesma e aplicação das medidas administrativas cabíveis.

Sendo o que tínhamos para o momento,

Atenciosamente,

Gerson Antônio Basso
CREA/SC 12153-8 - OAB 6094
Diretor Superintendente

dsfgeruc



Fundação Municipal do Meio Ambiente de Florianópolis
Rua Conselheiro Mafra, 670 – CEP 88015-600 – Centro – Florianópolis/SC
Fone/Fax: 3222.4343 – CNPJ: 00.909.972/0001-01

AUTORIZAÇÃO Nº 039/2009 - GERUC

DATA: 11/11/09

Processo nº	53207/09-FLORAM
REQUERENTE:	Janice Zanco / Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães
ASSUNTO:	Pesquisa de mestrado em Educação - Parque Municipal da Lagoa do Peri
VALIDADE:	1 (um) ano

A Fundação Municipal do Meio Ambiente de Florianópolis - FLORAM, com base no Art. 4º, inciso II da Lei nº 4.645/95, e no Parecer Técnico nº 065/09-GERUC, autoriza a Bióloga Janice Zanco, sob orientação do Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães, a realizar as atividades de campo ligadas à pesquisa intitulada “*Tramando Narrativas na Lagoa do Peri*”, do curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação/UFSC, dentro dos limites do Parque Municipal da Lagoa do Peri (Trilha do Saquinho).


O Parque Municipal da Lagoa do Peri representa uma importante Unidade de Conservação do Município de Florianópolis, criado e regulamentado por Legislação Municipal (Lei nº1828/81 e Decreto nº091/82). Constitui-se em um espaço especialmente protegido, cujas áreas são de preservação permanente e só podem ser utilizadas quando não houver comprometimento de sua integridade. Portanto devem ser observadas e obedecidas as recomendações e disposições contidas na legislação supra mencionada, bem como as seguintes:

Recomendações / Restrições:

- A data para a prática de campo deve ser comunicada com antecedência mínima de 5 (cinco) dias à Gerência de Unidades de Conservação - GERUC/FLORAM.
- Ao final dos trabalhos deve ser feita uma apresentação dos resultados, na sede do Parque Municipal da Lagoa do Peri, para gestores, funcionários, membros do Conselho Consultivo e demais interessados na temática.
- Deverá ser entregue uma cópia impressa e outra em meio digital (PDF) do trabalho final para comporem o acervo bibliográfico (banco de dados) desta unidade de conservação.

Para quaisquer esclarecimentos entrar em contato com a Gerência das Unidades de Conservação da FLORAM, pelo telefone 3237.5660.


Marco Aurélio Abreu
Diretor de Gestão Ambiental


Engº Gerson Antônio Basso
CREA/SC 12153-8 - OAB 6094
Diretor Superintendente

Esta Autorização não dispensa nem substitui outras Autorizações, Licenças ou Alvarás requeridos pela legislação Estadual ou Federal.

7.8 Anexo VIII - Carta para pais

Florianópolis, 30 de novembro de 2009.

Prezados Pais, Prezadas Mães e/ou Responsáveis,

Eu, Janice Zanco, bióloga formada pela Universidade Federal De Santa Catarina (UFSC) e estudante de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, venho apresentar minha pesquisa que está sendo realizada com as crianças da quarta série (turno matutino) da EBM Professora Dilma Lucia dos Santos.

Minha pesquisa *Tramando Narrativas na Lagoa do Peri* tem como objetivo levar as crianças a pensarem de maneiras diferentes a respeito de parques como o Parque Municipal da Lagoa do Peri. Pensando nisso, estamos realizando algumas práticas pedagógicas com as crianças que as estimulem a criar histórias, inclusive sobre a Lagoa do Peri. Acredito que com essas atividades, um brincar de faz-de-conta, as crianças serão estimuladas a imaginar, criar e contar histórias e terão possibilidade de ver e pensar um ambiente de uma forma diferente e divertida. As perguntas da minha pesquisa são: Que histórias seriam essas, que modos de ver e narrar sobre o parque surgirão a partir da educação ambiental que estou promovendo? Que relações entre a Lagoa do Peri e as pessoas irão aparecer nessas histórias?

As atividades foram planejadas pensando em três momentos para este ano de 2009. No primeiro, sem saber que estão participando da pesquisa, as crianças receberam uma correspondência em suas próprias casas. Na sala de aula, com seus colegas descobriram a mensagem completa (um convite para participar da pesquisa). No segundo momento, nos encontramos pela primeira vez na sala de aula. Conversamos sobre a cultura local e algumas histórias sobre a Lagoa do Peri. No terceiro momento, faremos uma pequena trilha no Parque Municipal da Lagoa do Peri. Para o ano de 2010, possivelmente nos encontraremos novamente para ver registros de imagens que fizemos das atividades.

Como todas as atividades serão registradas através de máquina fotográfica e filmadora (utilizadas até pelos próprios alunos), necessito que a autorização para uso de imagem (que segue em anexo) seja assinada para que as imagens possam ser utilizadas por mim.

Além disso, segue uma autorização que deverá ser assinada e encaminhada à escola até o dia 03 de dezembro (data do passeio) para que seu(sua) filho(a) possa participar da saída de campo – Trilha do Saquinho no Parque Municipal da Lagoa do Peri.

Agradeço desde já a atenção e coloco-me à disposição para eventuais dúvidas.

Janice Zanco

Autorização de uso de imagem

Na qualidade de maior e/ou responsável (pelo menor abaixo qualificado), autorizo o uso de sua imagem através de fotografia, impressão off-set, tipográfica, reprográfica, cromia, slides, ou outro qualquer processo análogo, bem como textos e desenhos de sua autoria para utilização e divulgação em meios de comunicação por tempo indeterminado de propriedade de **JANICE ZANCO**, estando ciente desde já, que não cabe em nenhum tempo, nenhuma reclamação trabalhista, indenização, ou mesmo pagamento de valor antecipado ou posterior pelo uso de sua imagem, textos e desenhos capturados durante a produção de dados da pesquisa de mestrado de Janice Zanco.

		NOME A SER UTILIZADO PARA DIVULGAÇÃO
DATA DE NASCIMENTO	DOCUMENTO DO PARTICIPANTE	NUMERO DO DOCUMENTO DO PARTICIPANTE
NOME DA ESCOLA		
NOME DO PAI		NOME DA MÃE
ENDEREÇO DO PARTICIPANTE (RUA, N., BAIRRO, MUNICÍPIO, E ESTADO)		
NOME COMPLETO E EM LETRA DE FORMA DO RESPONSÁVEL		
NUMERO DO RG. DO RESPONSÁVEL		C.P.F. / M.F. DO RESPONSÁVEL
LOCAL	DATA	ASSINATURA DO RESPONSÁVEL